

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA

ABLAVI VICTOIRE ADJALLA

**Os beninenses agudás em Porto Novo:
construção da presença brasileira, apropriações de
representações e comunicação com o Brasil**

Rio de Janeiro

2023

ABLAVI VICTOIRE ADJALLA

**Os beninenses agudás em Porto Novo:
construção da presença brasileira, apropriações de
representações e comunicação com o Brasil**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Janice Caiafa

Rio de Janeiro

2023

Dedico este trabalho aos meus pais, já falecidos, Patrice e Elisabeth, a quem agradeço as bases que construíram para me tornar a pessoa que sou hoje.

Agradecimento

Há um provérbio africano que diz: “se quiser ir rápido, vá sozinho; se quiser ir longe, vá em grupo”. Sozinha, eu jamais conseguiria chegar até aqui. Portanto, existem múltiplas pessoas às quais estou grata. Agradeço, primeiramente, a Deus, por ter me dado fé nos dias complicados, por ter colocado pessoas incríveis na minha vida e por ter me protegido e me dado força para chegar até aqui. Sou grata também por ter tido pais incríveis. Apesar de terem partido cedo demais, eles deram, a mim e aos meus queridos irmãos, uma educação que tem me ajudado a me tornar uma pessoa melhor a cada dia.

Agradeço a minha família, principalmente ao meu tio Dakpè Sossou, aos meus irmãos Marcel e Carmel, a minha tia Marguerite e a minha prima Irina Sossou, por todo seu apoio. Agradeço imensamente a minha querida professora orientadora Janice Caiafa, por não só ter aceitado meu projeto, mas também por tê-lo abraçado e por ter me ajudado do começo ao fim.

Agradeço ao meu querido amigo, Robson Braga, que foi o primeiro a saber desse tema e por ter me encorajado e ajudado. Agradeço ao meu querido amigo, o professor Brice Sogbossi, pela confiança, pelo apoio e pelos seus conselhos.

Muito obrigada a todos os membros da comunidade agudá, que me concederam um tempo em suas agendas e contribuíram para a produção deste trabalho.

Enfim, agradeço aos amigos encontrados nesta jornada e que me apoiaram, compartilhando ideias, torcendo por mim e me dando força sempre que precisava: Pierre Batcho, Alex, Patrícia Cunegundes, Rufine Azonsivo, Michaela Lewis, Celestine Dossou, Anna Cristina de Araújo Rodrigues, Aurlus, Nadège e Marek Abi.

“A água quente não esquece que já foi fria”.

Provérbio africano

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é elucidar como os agudás, grupo conhecido como “brasileiros do Benin”, constroem, no contexto da cidade de Porto Novo (capital do Benin, país do oeste da África), relações e comunicações com o Brasil por meios acessados cotidianamente, como redes sociais, família, comunidade, igreja e escola. Mostramos, portanto, como a presença brasileira é construída em instituições, práticas e espaços da cidade. Após a abolição da escravidão no Brasil, em 1888, escravos libertos foram “retornados” para a África, mesmo não se tratando efetivamente de um “retorno”, já que haviam nascido no Brasil. Os agudás da atualidade mantêm diversos símbolos de seus ancestrais oriundos do Brasil, a exemplo de algumas referências à língua portuguesa, da religiosidade, dos festejos e da culinária. Buscamos identificar como os agudás se reconhecem como brasileiros e como se colocam e se relacionam com os demais beninenses que vivem em Porto Novo. Como base teórico-conceitual, discutimos questões como “representação social” e “identidade” (Stuart Hall), bem como as noções de “sujeito diaspórico” (Stuart Hall) e “viagem” (Deleuze e Guattari), recorrendo às concepções de “tradição oral” (Ecléa Bosi), e “mediações socioculturais” (Martín-Barbero). Adotamos os métodos bibliográficos, com recurso a entrevistas em profundidade *on-line* e presenciais. Realizamos um mapeamento dos meios utilizados por beninenses agudás para acessar representações sobre o que é ser brasileiro e se comunicar com o Brasil, procurando compreender este e outros aspectos da experiência de nossos interlocutores agudás de Porto Novo.

Palavras-chave: Agudás. Porto Novo (Benin). Representações do Brasil. Comunicação com o Brasil.

ABSTRACT

The objective of this research is to elucidate how the agudás, a group known as “Brazilians of Benin”, build, in the context of the city of Porto Novo (capital of Benin, a country in West Africa), relations and communications with Brazil through means accessed daily, such as social networks, family, community, church and school. We showed, therefore, how the Brazilian presence is built in institutions, practices and spaces in the city. After the abolition of slavery in Brazil, in 1888, freed slaves were “returned” to Africa, even though this was not effectively a “return”, since they had been born in Brazil. Today’s agudás keep several symbols of their ancestors from Brazil, such as some references to the Portuguese language, religiosity, celebrations and cuisine. We sought to identify how the Agudás recognize themselves as Brazilians and how they position themselves and relate to the other Beninese who live in Porto Novo. As a theoretical-conceptual basis, we discussed issues such as “social representation” and “identity” (Stuart Hall), as well as the notions of “diasporic subject” (Stuart Hall), and “journey” (Deleuze and Guattari), resorting to the conceptions of “oral tradition” (Ecléa Bosi), and “sociocultural mediations” (Martín-Barbero). We adopted bibliographic methods, using in-depth online and face-to-face interviews. We mapped the means used by Agudás from Benin to access representations of what it is to be Brazilian and communicate with Brazil, seeking to understand this and other aspects of the experience of our Agudás interlocutors in Porto Novo.

Keywords: Agudás. Porto Novo (Benin). Representations of Brazil. Communication with Brazil.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização do Benin no continente africano	18
Figura 2 - Localização de Ouidah	20
Figura 3 - Praça dos Leilões	22
Figura 4 - Árvore do Esquecimento	23
Figura 5 - Casas Zomai	24
Figura 6 - Árvore do Retorno	25
Figura 7 - Portão do Não Retorno	26
Figura 8 - Arquitetura agudá	35
Figura 9 - Museu da Silva	37
Figura 10 - Feijoada tradicional brasileira	41
Figura 11 - Ingredientes da <i>fechoada</i>	44
Figura 12 - <i>Cassoulet</i>	45
Figura 13 - 7 épices	46
Figura 14 - Carne com temperos	46
Figura 15 - Cebola e linguiça	47
Figura 16 - Cenoura	47
Figura 17 - Purê de feijão	48
Figura 18 - <i>Fechoada</i>	49
Figura 19 - <i>Fechoada</i> com arroz	49
Figura 20 - Carnaval antigamente	50
Figura 21 - Carnaval brasileiro	51
Figura 22 - Carnaval dos agudás	52
Figura 23 - Carnaval dos agudás 1	53
Figura 24 - Carnaval dos agudás 2	53
Figura 25 - Carnaval dos agudás 3	53
Figura 26 - Carnaval dos agudás 4	53
Figura 27 - Carnaval dos agudás 5	54
Figura 28 - Carnaval dos agudás 6	54
Figura 29 - Carnaval dos agudás 7	54
Figura 30 - Carnaval dos agudás 8	54
Figura 31 - Carta linguística de Benin	56
Figura 32 - Alumã	61

Figura 33 - Mapa de Togo e Benin	62
Figura 34 - Novela <i>Roda de Fogo</i>	73
Figura 35 - Novela <i>Caminho das Índias</i>	73
Figura 36 - Novela <i>Cama de Gato (Redemption)</i>	74
Figura 37 - Ilustração de redes sociais	76

SUMÁRIO

Introdução	12
1 Brasileiros do Benin	17
1.1	17
1.1.1	18
1.1.2	22
1.2	26
1.2.1	27
1.2.2	31
1.3	34
2 Brasil e Benin: novos vínculos	38
2.1	38
2.1.1	39
2.1.2	40
2.2	50
2.2.1	50
2.2.2	51
2.3	44
2.3.1	55
2.3.2	56
2.3.3	58
3 Conversas e experiências	63
3.1	63
3.1.1	63
3.1.2	65
3.2	66
3.2.1	66
3.2.2	67
3.3	70
3.3.1	71
3.3.2	72

3.3.3 76

Considerações finais

78

Referências

82

Introdução

“O avô Saluciano Amaral veio da Bahia, teve uma esposa daomeana e depois teve três filhos. A primeira foi Enfra, também primeira daomeana que pôs os pés em Port-Gentil, no Gabão. O segundo foi Louis, e o terceiro foi Édouard, que é meu pai. Todos tiveram outros filhos”, afirma Auguste Benoît Alexandre Amaral, um dos meus interlocutores.

Essa é a ascendência do Auguste Benoît Alexandre Amaral, policial aposentado. Assim como ele, cerca de 10% da população beninense têm um parente brasileiro.

Após a abolição da escravidão, alguns escravizados, então libertos, decidiram voltar para África, estabelecendo-se principalmente no Benin, Gana, Nigéria e Togo. Uma vez no Benin, país localizado no oeste africano, essas pessoas formaram uma comunidade conhecida, no Benin e no Togo, como agudás; na Nigéria, como brasileiros; e em Gana, como tabons. Ser membro dessa etnia é compartilhar uma memória com o Brasil. É compartilhar uma memória passada vivida no presente. Ser agudá é ser brasileiro sem ser efetivamente.

No Benin, essas pessoas são chamadas de agudás devido à ligação que estabeleceram com os portugueses no local, principalmente na fortaleza São João Batista de Ajudá (Ajudá = agudá). Essa palavra foi cultural e linguisticamente transformada pela população.

Os agudás não foram os primeiros escravizados libertos a retornar à África. Um dos grandes retornos foi o dos antigos escravizados que abandonaram a América do Norte para se instalarem na região da costa ocidental africana, onde implantaram um Estado próprio, a Libéria, independente desde 1847.

Os brasileiros de Benin estão em quase todo o território nacional, mas a maioria deles hoje se encontra em duas cidades beninenses: Ouidah, cidade histórica, e Porto Novo, capital. Assim como os escravizados levaram ao Brasil suas culturas e tradições, os agudás levaram ao Benin alguns dos elementos culturais brasileiros, como desfiles de carnaval, festa de burrinha, feijoada e alguns elementos linguísticos como chaves, cama, alumã etc.

Atualmente no Benin, os agudás são facilmente reconhecidos e distinguidos do resto da população pelos sobrenomes portugueses que estão sendo perpetuados na

comunidade até hoje: Amaral, de Souza, da Silva, Moreira, D'Almeida, da Cruz, Antônio, Vieira e outros.

Apesar de o Benin ter sido um dos principais portos de embarque dos escravizados na era da escravidão, o país ainda é pouco conhecido, e os agudás são pouco conhecidos no Brasil, sobretudo no mundo acadêmico. Geralmente, os pesquisadores costumam se interessar pela viagem forçada dos escravizados e suas consequências nos países para onde foram levados, mas poucos são os que se interessam pela viagem dos agudás e da comunidade brasileira formada pelos retornados.

Em termos sócio-históricos e comunicacionais, o estudo desse tema ajudará a compreender como aspectos históricos conformam ainda hoje o cotidiano do grupo social investigado, assim como buscará promover um diálogo entre a pesquisa científica brasileira e os povos que constituíram historicamente a sociedade brasileira.

Importantes pesquisadores brasileiros, a exemplo do antropólogo Milton Guran, têm realizado trabalhos sobre os agudás. Guran criou o Acervo Agudás, que reúne fotografias dessa comunidade em diferentes momentos, além de dados históricos e culturais sobre esse grupo social. Seu trabalho foi realizado no período de 1994 a 1996 no Benin e no Togo. Além das fotografias, constam no acervo áudios, vídeos e entrevistas que o pesquisador realizou em algumas línguas nacionais do Benin e depois traduziu para o francês e o português. Apesar de centrais para a construção deste projeto, as pesquisas de Guran são direcionadas para a análise da construção da identidade agudá. Este trabalho, por sua vez, realizou o mapeamento dos meios pelos quais essa comunidade acessa informações sobre o que é ser brasileiro e abordou os elementos culturais brasileiros presentes na perspectiva do campo da Comunicação.

Como mencionado, os agudás estão concentrados em duas cidades beninenses: Ouidah e Porto Novo. A cidade histórica Ouidah teve relevante papel na viagem forçada do povo escravizado. Foi nessa cidade que parte considerável dos escravizados embarcou para o Novo Mundo. Em 2002, foi inaugurada a Rota dos Escravos para lembrar e fazer reviver os últimos passos desses homens e mulheres. Além disso, uma parte dos agudás, principalmente os descendentes de Francisco de Souza, um dos grandes traficantes de escravos na região, habita essa cidade.

Porto Novo, além de ser a capital do Benin, foi a cidade escolhida pela maioria dos retornados como sua, principalmente pelos descendentes de escravizados. É por esse motivo que Porto Novo constitui igualmente o foco neste trabalho.

Como base teórico-conceitual, são discutidos os fenômenos de representação social e identidade, bem como as noções de sujeito diaspórico, de Stuart Hall (2003), o conceito de viagem, de Deleuze e Guattari (1988/1989), e o conceito de mediações socioculturais, de Martín-Barbero (2013).

O conceito de viagem, segundo Deleuze (1988/1989), é diferente da noção de viagem que conhecemos. Para o autor, viajar é aprender algo novo, diferente, e nem sempre é preciso se deslocar para viajar. O autor destaca as viagens necessárias, como as dos imigrantes. Uma maneira mais fácil de entender os agudás é o fato de que eles ocuparam um interstício, um “entre”, forçados a habitar uma terra onde foram escravizados e a voltar à terra de origem, onde são estrangeiros em algum grau.

A discussão proposta por Stuart Hall (2003) acerca da relação entre o fenômeno da representação e o fenômeno da identidade ajuda a compreender, por exemplo, o fato de os agudás serem representados como brasileiros, o que reforça sua identidade como membros de uma comunidade que carrega uma ancestralidade brasileira. Como explica Hall (1987, p. 13), na obra *A identidade cultural na pós-modernidade*, “a identidade se torna uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpretados nos sistemas culturais que nos rodeiam”.

Dessa forma, no diálogo entre elementos culturais diversos, os agudás talvez tenham o que Hall (2003) define como identidades multiculturais em sua obra *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Isso pode acabar gerando conflito de identidade, porque ser agudá é ter relação ancestral com o Brasil, sendo beninense.

Além de analisar esses pontos, recorreremos às memórias dos grupos investigados, em especial às memórias dos idosos, com foco no fenômeno da tradição oral, buscando identificar os elementos culturais que atravessam as gerações, principalmente por meio de narrativas orais cotidianas (BOSI, 1994).

“Um velho que morre na África é uma biblioteca que queima”. Essa frase é atribuída a Amadou Hampâté Bâ. De fato, é um trecho de seu discurso proferido em 1960 na Unesco. Ao fazer tal observação, o escritor malinês faz referência à memória

desses homens e dessas mulheres que perpetuam oralmente suas tradições e suas trajetórias.

A princípio, foi definido que seria adotado, neste trabalho, o método etnográfico e, a partir dele, seriam utilizados três procedimentos metodológicos, aplicados por seis meses na cidade de Porto Novo: observação participante com um grupo agudá que vive na capital do Benin; entrevista em profundidade com agudás que vivem nessa cidade; e mapeamento dos meios utilizados por beninenses agudás para acessar representações sobre o que é ser brasileiro, a exemplo dos meios de comunicação, da tradição oral, da escola e da comunidade em que se inserem.

Porém, devido à pandemia da Covid-19, infelizmente, não foi possível fazer a viagem para a realização da pesquisa etnográfica. Portanto, esta pesquisa, devido às circunstâncias, se tornou bibliográfica, com recurso a entrevistas. Apesar de não ter sido possível realizar a etnografia como proposto no projeto de pesquisa, foram feitas entrevistas *on-line* e *face a face*, recurso muito próximo à observação participante, procedimento da pesquisa etnográfica.

Como a ideia era aproximar ao máximo essa nova estratégia da etnografia, tentei fazer das entrevistas uma atividade dialógica e experimentar alguma coisa do que se passa entre os descendentes dos agudás, mesmo de longe. Um exemplo disso é a questão de aprender a fazer feijoada à moda dos agudás e também à moda brasileira.

A pesquisa bibliográfica é “uma modalidade de estudo e análise de documentos de domínio científico tais como livros, periódicos, enciclopédias, ensaios críticos, dicionários e artigos científicos” (OLIVEIRA *apud* SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p. 6). De acordo com os autores, a pesquisa bibliográfica diz respeito a textos escritos de cunho científico sobre o tema pesquisado.

Esta pesquisa envolve o estudo de obras históricas sobre os agudás e sobre Benin, como: *Les fantômes du Brésil*, de Florent Couao-Zotti; *Fluxo e refluxo*, de Pierre Verger; *Mémoire vivante de la traite transatlantique*, de Jean Yves Paraiso; e *Porto Novo: la ville d’Afrique noire*, de Sinou e Aloudé. E, ainda, no campo da Antropologia, *Os brasileiros do Benin*, de Milton Guran; *Do Benin ao Maranhão, a saga de uma rainha*, de Bruno Azevedo; *Pedra da memória*, de Renata Amaral; *Identidade e diferença*, de Tomaz Tadeu da Silva; e *Da diáspora: identidade e mediações culturais*, de Stuart Hall. No que diz respeito ao campo da Comunicação, são obras importantes

para este estudo: *Entrevista em profundidade*, de Jorge Duarte, e *Jornalismo cultural*, de Daniel Piza.

Também foi adotada a entrevista em profundidade, recurso metodológico que, como aponta Jorge Duarte (2015), busca recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer. Foram realizadas entrevistas em profundidade com seis beninenses agudás residentes em Porto Novo.

Por fim, foi realizado, sobretudo a partir do diálogo com os interlocutores nas entrevistas, o mapeamento dos meios pelos quais agudás acessam informações e representações sobre o que é ser brasileiro, a exemplo de meios de comunicação, tradição oral, escola e comunidade.

Este trabalho está dividido em três capítulos: o primeiro, intitulado Brasileiros do Benin, aborda a história dos agudás, começando por uma breve história do Benin, em seguida a história da cidade de Porto Novo, da Rota dos Escravos e, por fim, elementos culturais brasileiros presentes nessa comunidade.

O segundo capítulo, intitulado Brasil e Benin: Novos Vínculos, aborda a culinária, assim como a linguagem e o carnaval. Nesse capítulo, são mencionados os pratos típicos brasileiros introduzidos pelos agudás e seus modos de preparo, o uso da língua portuguesa pelos agudás e o desfile de carnaval apresentado na cidade de Porto Novo.

O terceiro e último capítulo, intitulado Conversas e Experiências, aborda, a partir do diálogo com os interlocutores, práticas culturais brasileiras introduzidas pelos agudás, como músicas e danças. Aborda também a rivalidade que existia entre os agudás e as outras etnias do Benin, assim como os meios pelos quais a comunidade agudá acessa informações e representações sobre o que é ser brasileiro: família, televisão e redes sociais.

1 Brasileiros do Benin

Em 1888, após a abolição da escravidão no Brasil, alguns descendentes de escravizados, agora sem utilidade econômica, foram induzidos a “voltar” para a África, principalmente para países como Benin¹, Togo², Nigéria³ e Gana⁴, mesmo não se tratando efetivamente de um retorno, já que haviam nascido em solo brasileiro.

Nos três primeiros países mencionados acima, os retornados são conhecidos como agudás ou brasileiros do Benin. Em Gana, são chamados tabons. Após o retorno, uma parte se localizou em Porto Novo, capital do Benin, e outra na cidade histórica de Ouidah, situada no sul do país. Hoje, essa comunidade compõe cerca de 10% da população beninense, está presente em todo o território do país e é responsável por levar para o Benin certos elementos culturais tradicionais brasileiros como o carnaval, a dança de burrinha, a feijoada etc.

¹ Benin é um país da África Ocidental com cerca de 12,5 milhões de habitantes (2021). Seus vizinhos são: Togo, a oeste, Nigéria, a leste, Níger, a norte-nordeste, e Burkina Faso, a norte-noroeste. O país conquistou a independência da França em 1º de agosto de 1960 sob o nome de Dahomey. Assim, a língua oficial é o francês. No entanto, línguas nacionais como fon, iorubá, bariba, yom, goun, adja, ayizo e outras são faladas no território (THE WORLD BANK, 2022).

² Togo, ou República do Togo, é um Estado da África Ocidental cuja população é estimada em 8,6 milhões de habitantes para uma densidade de 152 habitantes/km² (2020). O Togo tornou-se independente da França em 24 de abril de 1960. A língua oficial é o francês, mas outras 53 línguas são faladas, incluindo a língua mina, segunda mais falada no país (THE WORLD BANK, 2022).

³ Nigéria, ou República Federal da Nigéria, é um país da África Ocidental localizado no Golfo da Guiné. Com mais de 219 milhões de habitantes (2021), é o país mais populoso da África e o sétimo do mundo em número de habitantes. Localizada à beira do Golfo da Guiné, a Nigéria tem 4.047 km de fronteiras terrestres e 853 km de litoral. Limita-se a oeste com o Benin (773 km), a leste-sudeste com Camarões (1.690 km), ao norte com Níger (1.497 km) e a leste-nordeste com o Chade (84 km). O país era a primeira potência econômica do continente africano em 2016 e a 27ª do mundo (PIB), segundo o Banco Mundial. Tornou-se independente do Reino Unido em 1º de outubro de 1960. A Nigéria tem 529 idiomas. A língua oficial durante a colonização – o inglês – manteve esse *status* para facilitar a unidade linguística do país (THE WORLD BANK, 2022).

⁴ Gana é um país da África Ocidental localizado no Golfo da Guiné. Seus vizinhos são: Costa do Marfim, a oeste, Burkina Faso, a norte, e Togo, a leste. Sua capital é a cidade de Acra. O país conquistou a independência do Reino Unido em 6 de março de 1947. A língua oficial é o inglês, mas existem 9 línguas nacionais: akan (twi, fanti), dagaare (wale), dagbane, dangme, ewe, ga, gonja, kasem e nzema. Haoussa é amplamente utilizado como língua franca entre os muçulmanos em Gana.

Ouidah, cidade do Benin, constituiu um dos principais portos de exportação de escravizados. Diversos países europeus estiveram presentes no local, construindo fortes: França, Inglaterra, Dinamarca, Portugal etc. O forte português, chamado de Forte São João Batista de Ajudá, foi construído no final do século XVII. Sua construção deveu-se aos comerciantes baianos que custearam a obra. Nesse forte, trabalhou Francisco Félix de Souza, funcionário da Coroa Portuguesa que se tornou um grande comerciante de escravos na região.

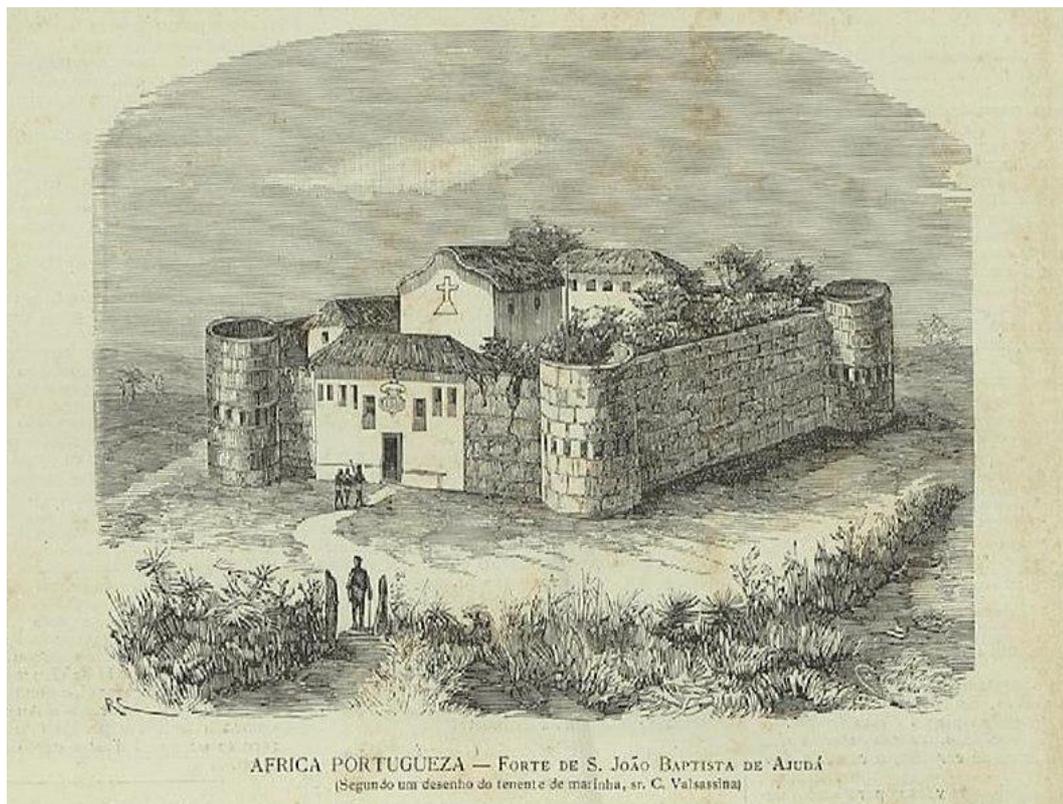


Figura 2 - Forte de São João Batista de Ajudá, 1886

Disponível em:

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:S%C3%A3o_Jo%C3%A3o_Baptista_de_Ajud%C3%A1_1886.jpg?uselang=fr

Devido ao número considerável de pessoas embarcadas para serem escravizadas durante o período colonial nas Américas, o Benin ficou conhecido como a Costa dos Escravos. O tráfico transatlântico de escravos foi criado pelos europeus para ter uma força de trabalho maleável e trabalhável à vontade e para substituir os índios dizimados por condições desumanas de trabalho e de vida. Milhões de crianças, mulheres e homens foram arrancados de suas terras de origem para

explorar as novas terras descobertas nas Américas e trabalhar nas plantações e nas minas (PARAISO, 2022).

Originalmente, as terras do atual Benin foram ocupadas por vários reinos. Os mais proeminentes foram Danxomé, Xogbonu, Alada, Niki, Kuandé, Kandi. Os primeiros governantes de Agbome e Xogbonu vieram da migração Adja-fon (etnias) do país vizinho Togo (Aja-tado). Os outros povos vieram da atual Nigéria, Níger e Burkina Faso. Assim, o país já foi um viveiro de civilizações antigas e brilhantes, construídas em torno desses reinos: as cidades-estados. Essas entidades políticas bem estruturadas tinham centros urbanos funcionais, onde se desenvolveu um comércio local baseado, já no século XVII, no tráfico de escravos, depois no de dendê, após a abolição do tráfico de escravos, em 1807.

No século XIX, a França, em campanha para expandir seu império ultramarino e desinteressada dos acordos comerciais de escravos que firmou com Daomé, entrou em guerra contra o país. Em 1892, o Império do Daomé foi subjugado, e o país tornou-se colônia francesa, sendo rebatizado de Daomé Francês. Em 1960, Daomé se viu independente da França, implementando um governo democrático (MONOU, 2018).

Em 1975, o país adotou o atual nome Benin, devido ao fato de o país ser banhado ao sul pela Baía de Benin. A cidade de Ouidah fica a 42 km de Cotonou. Sua criação data dos anos de 1500 com a migração do povo Xwedja para o que ainda era uma pequena aldeia chamada Saxwe, que se tornara Sávi sob o ímpeto do rei Ahoho. Ouidah conseguiu suprir as necessidades de seus habitantes com agricultura, caça e pesca nas lagoas costeiras, longe dos perigos do mar e das marés (MONOU, 2018).



Figura 3 - Localização de Ouidah
Fonte: Google

Em 1745, o português Echaristis Campos visualizou o potencial da região do Golfo do Benin para comercializar escravos africanos com a Bahia. Em seguida, João de Oliveira, escravo liberto, se instalou para dar início às transações. Ana Karina N. Leite (2006), em sua pesquisa intitulada *A visão de um estrangeiro sobre os agudás: os “brasileiros” no Golfo do Benim sob a perspectiva de Pierre Verger*, apresenta casos de brasileiros, portugueses e ex-escravos africanos que se instalaram no Benim para trabalhar como negreiros. O caso mais conhecido é o do baiano Francisco Félix de Souza.

Com a chegada dos portugueses à cidade, em 1580, passaram a chamá-la de Ajudá, e a fortaleza de São João Baptista de Ajudá foi erguida em 1721, continuando sob o controle de Portugal até 31 de julho de 1961. Nesse período, Ouidah exportou uma parte considerável de seu povo para os portos de Salvador, na Bahia, estado brasileiro. A cidade de Ouidah, portanto, permaneceu sob o controle de Portugal até o ataque militar do reino de Dahomey em 1727 (MONOU, 2018).

Após a vitória do reino de Dahomey, a cidade manteve-se sob seu comando até a independência do país pela França em 1º de agosto de 1960. No final do século XIX, a cidade de Ouidah começou a concentrar sua atividade econômica na exportação, muito menos lucrativa, do óleo de palma, conhecido como azeite de dendê. Hoje, Ouidah é conhecida como um dos centros mais importantes da religião vodu⁵, no Benin, e provavelmente no mundo. Apesar da chegada do cristianismo trazidos pelos europeus, o vodu é a religião dominante do país e base das culturas locais. O vodu foi reconhecido como religião pelo Estado somente em 1992, e foi só a partir desse reconhecimento que foi criado o Dia Nacional das Religiões Nativas do Benin, feriado comemorado no dia 10 de janeiro em inúmeras cidades do país que buscam fortalecer e divulgar as religiões nativas, como o vodu, que, por muitos anos, foi diabolizado pelos colonizadores.

⁵ Vodun é uma religião originária do antigo reino de Dahomey (África Ocidental). Muitas vezes assimilada a práticas ocultistas espalhadas em múltiplas comunidades, a religião de ordem cósmica resultante dos cultos animistas africanos ainda é difundida no Benin e no Togo. A partir do século XVII, homens capturados, reduzidos à escravidão, dessa região da África espalharam o culto vodun para o Caribe e a América. O vodun é, portanto, encontrado em diferentes formas em Cuba, Haiti, Brasil e Estados Unidos (CHÂTEAU MUSÉE VODOU STRASBOURG, 2022).

1.1.2 A Rota dos Escravos

Situada em Ouidah e inaugurada em 1992, a Rota dos Escravos é um local memorial que faz reviver os dolorosos últimos passos dos escravizados antes do embarque nos navios para o Novo Mundo. A rota contém seis etapas, e cada uma conta uma história única e que nos faz pensar e ver o mundo de outra forma. Mesmo que hoje essa rota tenha se tornado espaço de turismo, percorrê-la nos transforma de maneira inexplicável. A rota tem a Praça de Leilões como ponto de partida.



Figura 4 - Praça dos Leilões
Fonte: Google

Fundada por volta de 1717 pelo rei Ghezo, nessa praça ocorria a venda de escravizados. Após a venda, homens e mulheres eram acorrentados e levados a uma árvore ao redor da qual eram forçados a dar voltas antes de embarcarem nos navios negreiros. Acreditava-se que assim apagariam as memórias de seu povo e de suas divindades e, com isso, os que ficavam sentiriam menos dor e menor o peso do castigo divino (MONOU, 2018). Hoje, A Árvore do Esquecimento é um monumento erigido na costa do Benin, no local onde se situava a tal árvore. Esse monumento é entendido como símbolo das forças que historicamente têm se empenhado em branquear ou apagar definitivamente as culturas de matrizes africanas em solo brasileiro.

Todos sabemos que o estupro foi brutal e implacável. A primeira medida do escravagista direto ou indireto era produzir o esquecimento do negro, esquecimento de seus lares, de sua terra, de seus deuses, de sua cultura, para transformá-lo em vil objeto de exploração. Esse estupro cultural teve transformação para sempre apresentar-se mascarado. O negro, esquecido na sua condição propriamente humana, era objeto de estudo da Antropologia no sentido de medir as dimensões de sua cabeça, de sua condição fálica, de seus instintos, de seu comportamento reflexo. Ao estupro do esquecimento, dirigido às origens, sucedeu a chamada aculturação, outra forma sinistra de cortar os laços religiosos e culturais com as mesmas origens. (NASCIMENTO, 1997, p. 159-16)

Porém, falhou o projeto de apagamento do negro – mito ou verdade e apesar de causar polêmicas. Afinal, os escravizados recriavam suas divindades quando chegavam ao Brasil. Além disso, depois do fim da escravidão, ou seja, após serem libertados pela Lei Áurea, assinada pela princesa Isabel em 13 de maio de 1888, muitos libertos, agora sem utilidade econômica, foram assediados pelo governo brasileiro, que idealizou o retorno à África.



Figura 5 - Árvore do Esquecimento
Fonte: Google

Nesse lugar, se encontrava a árvore do esquecimento. Os homens deviam dar nove voltas em torno dela. As mulheres, sete. Isso porque acreditavam que os homens tinham nove costelas e as mulheres, sete. Depois disso, supunha-se que perdiam a memória e esqueciam seu passado, suas origens e sua identidade cultural para se tornarem seres sem nenhuma vontade de reagir ou se rebelar (MONOU, 2018).



Figura 6 - Casas Zomaí
Fonte: Google

Depois do ritual da árvore do esquecimento, eram levados para as casas Zomaí, onde ficavam enquanto aguardavam a chegada dos navios negreiros. Todos eram trancados em uma escuridão permanente para se desorientar e limitar as tentativas de fuga ou rebelião (MONOU, 2018). Até a chegada dos navios, muitos morreram em consequência da situação precária em que ficavam. Os que não sobreviviam às condições de detenção eram enterrados em uma vala comum, onde um memorial foi erguido. Os sobreviventes eram levados para um ritual final na Árvore do Retorno, situada a poucos metros do memorial, uma árvore de 200 anos, erguida no meio de uma praça como testemunha do passado.



Figura 7 - Árvore do Retorno
Fonte: Google

Assim que saíam das cabanas, os escravizados caminhavam em volta da árvore três vezes. Esse ritual pretendia garantir que seus espíritos voltariam para a terra de seus ancestrais, independentemente de onde morressem, o que me parece um paradoxo. Segundo a história, a árvore do esquecimento tinha o objetivo de fazê-los se esquecerem da sua cultura e se tornarem seres neutros. A árvore de retorno, por sua vez, tinha a missão de fazer a alma deles voltar.

A Rota dos Escravos termina com um grande portão, inaugurado em 1995, simbolizando a passagem dos escravizados para o outro mundo e a impossibilidade de retorno.

Como o mar era raso, os navios não alcançavam a costa. Canoas os esperavam para levá-los aos navios. Os mais valentes cometeram suicídios, se jogando ao mar. Hoje, a Rota dos Escravos, que por muito tempo foi objeto de sofrimento, dor, raiva e perda, virou um espaço de turismo, de reflexão e de festa.



Figura 8 - Portão do Não Retorno
Fonte: Google

1.2 Os agudás

Geralmente, os autores limitam a história da escravidão no Brasil até a abolição, em 1888. Poucos são os que vão além desse marco histórico. Entre os poucos autores que se interessaram por outros destinos dos escravizados após a abolição, temos o etnólogo francês Pierre Verger e o antropólogo brasileiro Milton Guran.

Após a abolição da escravidão no Brasil, alguns ex-escravizados tiveram de deixar o país e retornar aos países de onde vieram, a exemplo de Benin, Gana, Nigéria e Togo. Em Gana, ficaram conhecidos como tabons por se comunicarem em português e darem como resposta para quase tudo a frase “tá bom”, já que não dominavam ainda as línguas locais. No Benin, são chamados de agudás devido à ligação que estabeleceram com os portugueses no local, principalmente o Forte São Batista da Ajudá (Ajudá = agudá), palavra cultural e linguisticamente transformada pela população. Na Nigéria, os retornados são conhecidos como brasileiros (SANTIAGO, 2022).

Ao contrário da crença popular, é de suma importância ressaltar que a abolição da escravidão no Brasil não é a única razão que explica o refluxo para a África. Esse

é o lugar para lembrar que o Brasil foi o último país da América Latina a abolir a escravidão, em 13 de maio de 1888.

De 1807 a 1835, a Bahia foi palco de uma série de revoltas de escravos africanos que protestavam contra suas condições desumanas de trabalho. Escravos muçulmanos, chamados de "Malé" foram muitas vezes os instigadores desses movimentos de revolta. Apesar da feroz repressão e de todas as medidas excepcionais tomadas para evitar qualquer indício de insurreição, uma última insurreição ocorreu em 1835, que foi de longe a mais bem organizada. Ficou na história como a "Revolta do Malé". (PARAISO, 2022)

A Revolta dos Malês, ocorrida em Salvador, Bahia, em 1835, incentivou a volta para a África. O Benin assistiu a um aumento importante do número de escravizados e descendentes de negreiros, os quais formaram a etnia chamada agudá. Os agudás se instalaram por todo o Golfo do Benin, da Nigéria e de Gana. O antigo reino de Daomé é hoje a República do Benim, cuja capital é Porto Novo, onde encontramos a maior comunidade de agudás. Nessa mesma cidade se encontram os gouns⁶, fons⁷ e yorubás⁸.

1.2.1 Quem são os agudás?

Os agudás são designados em yorubá, fon e mina, línguas nacionais do país, como os parentes de Ouidah, ou seja, os beninenses que têm sobrenome de origem portuguesa. Ser agudá atualmente no Benin é compartilhar uma memória comum relativa a um conjunto de realizações e a uma maneira de ser brasileira.

⁶ Os goun são uma população da África Ocidental que vive principalmente no sul do Benin, na região de Porto Novo, e incidentalmente na Nigéria. Chamados de xogbonuto ou ayinonvi, os goun são uma tribo composta por maioria de etnia gouns cuja língua materna é gougbe ou gouns (LE BENIN, 2022).

⁷ Os fons constituem o grupo etnolinguístico mais importante do Benin (39,2% da população total), ou seja, hoje mais de 4,1 milhões de pessoas (incluindo populações relacionadas) (LE BÉNIN, 2022).

⁸ Os yorubás ou iorubás são um grande grupo étnico na África, presente principalmente na Nigéria, na margem direita do rio Níger, mas também em Benin, Gana, Togo, Burkina Faso e Costa do Marfim, onde são chamados de anangos. O termo yorubá surgiu no início do século XVI sob a pena de Ahmed Baba para designar apenas o reino de Oyo. É um exônimo hausa, também presente no léxico fulfulde, que significa astuto. Mais que uma homenagem à diplomacia de Oyo, talvez seja uma alusão à astúcia homenageada na divindade Exu. Sua integração no léxico iorubá para designar os descendentes dos míticos oduduwa que habitam as 16 cidades-estados e suas múltiplas subdivisões, que reconhecem Ifé como sua metrópole e compartilham a linguagem da chancelaria de Alafin, data do final do século XIX. A língua yorubá é uma das línguas africanas mais faladas fora do continente africano (AFRIQUERENOUVEAU, 2019).

Ao falar de agudás, muitas pessoas, inclusive alguns beninenses, tendem a referir-se somente aos descendentes de escravizados. Contudo, a palavra “agudá” designa toda pessoa que tem ligação com um passado com o Brasil: os escravizados e seus descendentes e os senhores e seus descendentes, a exemplo da família Souza, de Ouidah.

Os agudás são facilmente reconhecidos pelos sobrenomes de origem portuguesa, como Souza, Silva, Almeida, Amaral, Moreira, da Cruz, entre outros tantos. No seu calendário festivo, estão incluídas comemorações como a do Nosso Senhor do Bonfim⁹, São Cosme e Damião¹⁰, a Festa da Burrinha¹¹ e desfiles de carnaval¹² no mês de janeiro.

O carnaval é seguido da missa da Irmandade Brasileira de Nosso Senhor do Bonfim, ambos realizados na capital beninense. O desfile de carnaval sempre foi organizado no terceiro domingo de janeiro. No ano de 2021, assim como em 2022, por causa da crise pandêmica da Covid-19 que o mundo enfrentou e continua enfrentando, o desfile não foi realizado. Após a missa, os agudás de Porto Novo se reúnem para dançar e comer pratos típicos agudás, um deles conhecido como *fechoada* (feijoada). Estima-se que representem de 8% a 10% da população beninense. Embora os descendentes de escravizados e negreiros não mantenham relações com o Brasil há mais de um século, vivem num processo permanente de

⁹ O culto ao Senhor do Bonfim foi trazido ao Brasil no século XVIII. O responsável por introduzi-lo no país foi o Capitão de Mar e Guerra da Marinha portuguesa Theodósio Rodrigues de Faria. Após introduzido no Brasil, o culto tornou-se popular na cidade de Salvador. Com o tempo, novas tradições foram sendo acrescentadas à devoção – como as fitas e a lavagem das escadas. O Senhor do Bonfim é considerado o padroeiro não oficial da capital baiana, cujo padroeiro oficial é São Francisco Xavier. O dia comemorativo do Nosso Senhor Bonfim é 28 de maio (BASIL ESCOLA, 2022).

¹⁰ São Cosme e Damião eram irmãos gêmeos e médicos. Ambos são conhecidos como santos padroeiros dos médicos e farmacêuticos, além de protetores das crianças. No Brasil, a devoção aos santos foi trazida com os portugueses e misturou-se à cultura africana. Com o sincretismo religioso, os negros africanos escravizados cultuavam a imagem de São Cosme e Damião como se fossem os correspondentes aos orixás gêmeos Ibejis. O Dia de São Cosme e Damião é comemorado em 27 de setembro. (CALENDARR BRASIL, 2022)

¹¹ Festa da Burrinha é uma manifestação que consiste em um homem montado numa burrinha artesanalmente criada que sai às ruas cantando canções de reisado. Foi uma manifestação criada por Cupertino, que em uma pescaria encontrou um tronco parecido com a cabeça de um burro, levou o tronco para a cidade, enfeitou com bandeirolas e saiu nas ruas da cidade cantando. É festejado no dia 6 de janeiro na cidade de Jaguaripe, Bahia (JAGUARIFE, 2022).

¹² O carnaval foi trazido para o Brasil pelos colonizadores portugueses. A festividade se estabeleceu no país entre os séculos XVI e XVII e teve como primeira prática o entrudo, brincadeira que se fixou primeiramente no Rio de Janeiro e era realizada dias antes do início da Quaresma. Hoje, o desfile de carnaval é realizado em todo o território brasileiro (BRASIL ESCOLA, 2022).

construção e afirmação social de seu grupo e de sua etnia para que não sejam diluídos no conjunto da população (MONOU, 2018).

Os agudás não falam português, mas quando estão juntos trocam o *bonjour* francês por *bom dia*. Nos dias de festa, cantam músicas em português. Ao receberem convidados em casa, preparam o que chamam de feijoadá ou kousido. Embora formem o que chamamos de etnia, existe grande diferença e divergência entre eles.

Um esclarecimento é necessário neste ponto: a cultura afro-brasileira destaca-se das culturas luso-angolana, luso-moçambicana ou luso-guineense. O Benin, de fato, nunca foi, a rigor, uma colônia portuguesa.

A cultura aguda do Benin também se destaca de outras “culturas de retorno” da diáspora africana. Ao contrário dos afro-americanos que se estabeleceram na Libéria, uma terra totalmente desconhecida para eles, a maioria dos afro-brasileiros voltou a se estabelecer em suas terras de origem, em suas áreas culturais de origem. Os afro-americanos se instalam na Libéria, não por parentesco ou afinidade cultural com as populações locais que desprezaram, mas sob a influência ideológica da visão de uma África mítica construída pela reação identitária ao racismo de que são vítimas nos Estados Unidos. (PARAÍSO, 2022)

Após o retorno, pode-se pensar que os ex-escravizados afro-brasileiros teriam ingressado em suas cidades de origem. Ter conseguido preservar a maior parte das suas culturas apesar de quatro séculos de deportação deveria ter sido um “elemento facilitador do seu restabelecimento e da sua reintegração nas populações locais” (PARAISO, 2022). Porém, preferiram se localizar em duas cidades: Ouidah, a cidade histórica, onde tinham embarcado, e Porto Novo, a capital do país. O autor Jean-Yves Paraiso (2022) explica a razão da escolha dos agudás:

Há um fator psicológico essencial que não deve ser esquecido: a maioria dos ex-escravos havia sido capturada por seus irmãos negros e vendida a traficantes portugueses. Muitas vezes, os escravos eram vendidos por sua própria família, até mesmo pelos outros habitantes de sua aldeia por questões morais obscuras. O chefe da aldeia podia livrar-se de certas cabeças fortes vendendo-as a traficantes de escravos. Ter sido vendido por chefes locais e outras autoridades tradicionais, ou seja, por aqueles que deveriam ter a missão primordial de protegê-los, criou feridas profundas que, até hoje, não estão prontas para cicatrizar. Entre os ex-escravos deportados e a população indígena, houve, portanto, o crime fundador da escravidão que criou um muro de ódio intransponível. Ao medo de serem capturados novamente, somava-se para eles o fato de terem que

superar um passado de rejeição e inferioridade devido à visão de escravo veiculada pelas populações indígenas africanas. (PARAISO, 2022)

Outro elemento de explicação encontrado pelo autor é o hibridismo cultural dos ex-escravizados que voltaram do Brasil. Os retornados foram profundamente transformados pela permanência no Brasil. Mesmo que os antepassados tenham saído do Benin e tenham conseguido manter alguns hábitos culturais, os retornados já eram brasileiros nascidos e aculturados. As dificuldades de integração vividas no início de sua deportação para o Brasil agora respondiam ao seu desenraizamento no retorno à África. A esse respeito, Pierre Verger cita Gilberto Freyre:

Esses africanos, tendo estado no Brasil, voltaram para a África não mais “africanos” como haviam chegado na Bahia, mas “brasileiros”, ou seja, africanos tornados brasileiros pelo contato com a natureza, o meio ambiente, a já vigorosa cultura mestiça de esta parte da América... Esses africanos e descendentes de africanos, tendo permanecido no Brasil, principalmente na Bahia, voltaram para a África levando costumes, hábitos, modos de vida, que haviam adquirido em terras estrangeiras, ou aos quais se apegaram ainda. Voltaram para a África “abrasileirados”, “baianizados”, “portugalizados” em seus vários hábitos, gostos, costumes e até em seus vícios. (FREYRE, *apud* VERGER, 2021, p. 695)

A discussão proposta por Stuart Hall (1987) acerca da relação entre o fenômeno da representação e o fenômeno da identidade ajuda a compreender, por exemplo, o fato de os agudás serem representados como brasileiros, o que reforça sua identidade como membros de uma comunidade que carrega uma ancestralidade brasileira. Como explica Hall (1987, p. 13), na obra *A identidade cultural na pós-modernidade*, “a identidade se torna uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpretados nos sistemas culturais que nos rodeiam”.

Dessa forma, no diálogo entre elementos culturais diversos, os agudás talvez tenham o que Hall (2003) define como identidades multiculturais, em sua obra *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Isso pode acabar gerando conflito de identidade, porque ser agudá é ter relação ancestral com o Brasil, sendo beninense.

Segundo Manuel Castells (2008), as pessoas se socializam e interagem em seu ambiente local, seja a vila, a cidade ou o subúrbio, formando redes sociais entre vizinhos. Por outro lado, identidades locais entram em intersecção com outras fontes

de significado e reconhecimento social, seguindo um padrão altamente diversificado que dá margem a interpretações alternativas. Os brasileiros do Benin enfrentam tais situações até os dias atuais. É o caso, por exemplo, do empresário Moreira, um dos entrevistados, que sempre fica “fora” nas tomadas de decisões relacionadas à cidade de Porto Novo em razão, segundo ele, do seu sobrenome.

Como já mencionado, os agudás do Benin são compostos de antigos negreiros, ex-escravizados e seus descendentes. Após a volta, muitos deles, principalmente os descendentes de ex-escravizados, estavam revoltados contra a população beninense e contra os descendentes de negreiros.

Por essas e por outras razões, os retornados preferiam se relacionar apenas entre si. Após a volta, a maioria dos agudás foi morar na cidade de Porto Novo, e os descendentes de negreiros ficaram na cidade onde moravam, Ouidah, como já destacado. Antigamente, tanto agudás da capital quanto os de Ouidah se casavam apenas entre si, porque, além do ressentimento dos ex-escravizados, queriam fazer perpetuar sua etnia. O autor beninense Florent Couao-Zotti (2006) explica, ao longo de sua obra *Les Fantômes du Brésil*, esse desentendimento entre os agudás e o resto da população. Mas, hoje, ainda que exista, não são mais tão óbvios os conflitos entre agudás e não agudás, que conseguem se misturar facilmente. “É verdade que meus avós se casaram com agudás, mas minha esposa é mina¹³, porque aprendi que o amor não tem etnia”, explica o empresário Moreira.

Contudo, além dos conflitos externos, na própria comunidade agudá, há uma rivalidade que permanece até hoje entre os dois grupos de agudás: os descendentes de escravizados e de negreiros. Ao realizar, por exemplo, os desfiles de carnaval em janeiro, os agudás de Porto Novo (descendentes de escravizados) não convidam os de Ouidah (descendentes de negreiros); quando os de Ouidah realizam comemoração da família de Souza, em outubro, também não convidam os da capital.

1.2.2 A família Souza do Benin

A família Souza do Benin e do Togo, que também se dispersa em outros países africanos e na França, teve sua origem na figura de Francisco Félix de Souza, nascido na Bahia, em 1754. Filho de pai português e mãe indígena, exerceu imenso poder

¹³ Mina é um grupo étnico presente no Benin e no Togo.

sobre toda a antiga Costa dos Escravos na primeira metade do século XIX. Chegou ao Benin, provavelmente, no ano de 1788, tendo morado anteriormente em Ouidah, Badagri e Aného (GURAN, 2022), cidades em que se encontram ainda hoje bairros fundados pelo baiano.

Francisco Félix de Souza, o escriturário que mais tarde se tornaria responsável pelo Forte Saint Jean Baptiste de Ouidah, já era um importante traficante de escravos, instalado em Aného, quando o rei daomeano Adandozan o aprisionou por causa de um conflito comercial. Ainda na prisão, porém, o baiano fez um pacto de sangue com o príncipe Gakpé, irmão mais novo do rei, que o ajudou a fugir da prisão em troca de seu apoio na deposição do rei. O príncipe Gakpé, após o sucesso do golpe, assumiu a coroa sob o nome de Guêzo e consagrou seu irmão de sangue vice-rei de Ouidah com o título de Chacha I, concedendo-lhe o monopólio de todo o tráfico de escravos no Reino de Daomé. Foi nessa condição que Francisco Félix de Souza se tornou, ao longo de sua estada de mais de meio século no país, um dos maiores traficantes de escravos de todos os tempos, como Verger o definiu (GURAN, 2022).

O pacto de sangue entre o rei e o traficante brasileiro era, antes de tudo, um pacto político e comercial, com todas as consequências sociais que isso acarretava. Dessa forma, os brancos em geral deixaram de ser simples estrangeiros para se integrarem formalmente ao pacto social e político do reinado de Guêzo, com papel de primeira grandeza na estratégia de poder. Francisco Félix de Souza obteve do rei Guêzo a concessão de terras em Ouidah e em outras províncias do reino, mesmo sendo esse acesso às terras proibido a estrangeiros. Esse fato foi de importância capital para a instalação dos brancos e para a constituição de uma verdadeira comunidade brasileira no litoral. Acima de tudo, isso permitiu que os africanos escravizados no Brasil, uma vez libertados e devolvidos à África e considerados agudás, também obtivessem posses e, dessa forma, contribuíssem decisivamente para o desenvolvimento da agricultura no país (TOURNEUR, 1975 *apud* GURAN).

Francisco Félix de Souza tinha uma linhagem bastante notável. A história conta que teve, por si só, cerca de 80 filhos, mas não se sabe o número de suas filhas. Também não se sabe nem o número nem os nomes de todas as suas esposas. No Benin, como na maioria dos países do oeste da África, a poligamia era permitida. Um homem podia se casar com a quantidade de mulheres que quisesse, contanto que cuidasse bem delas. Hoje, essa prática ainda existe, porém é menos frequente,

porque a mulher, que antes só servia para casar e cuidar da família, hoje é emancipada. Por isso, muitas mulheres não se sujeitam mais à prática da poligamia, mesmo que o homem queira. Além disso, antigamente, não havia casamento civil, mas apenas o casamento arranjado e tradicional – a união do casal diante das duas famílias. Portanto, não havia nenhum acordo, nenhum documento oficial assinado que impedisse o homem de se casar novamente.

Estabelecido no Aného, Francisco Félix de Souza conquistou prestígio e poder ao se casar sucessivamente com duas princesas do reino gun, Djidjiabu, mãe de Isidoro Félix, e Ahosi, mãe de Félix Ignácio, Antônio Kuaku Adekpeti, Ayavavi Félix e Ambavi Félix de Sousa. Também nessa cidade, Dom Francisco teria tido inúmeros filhos com outras mulheres do país, todas devidamente reconhecidas e que já formavam uma pequena comunidade “brasileira”, quando ele partiu para Ouidah na década de 1820 (TURNEUR, 1975 *apud* GURAM).

A prova irrefutável do prestígio e da importância política de Francisco Félix de Souza, no Reino de Daomé, foram as homenagens que o rei lhe prestou por ocasião de sua morte, aos 94 anos. Assim que recebeu a notícia da morte, na terça-feira, 8 de maio de 1849, Guêzo enviou dois de seus filhos a Ouidah diante de um destacamento militar de 80 amazonas¹⁴ para realizar as tradicionais cerimônias¹⁵. Além disso, as homenagens incluíam a doação de sete pessoas para serem sacrificadas, conforme sua posição exigia. Sob a alegação de que seu pai era branco, Isidoro Félix, o filho mais velho da família e futuro Chachá II, teve boas razões para recusar o sacrifício (VERGER, 1968). De acordo com outras versões, porém, um menino e uma menina foram realmente decapitados e enterrados junto com o chamado todo-poderoso Senhor de Ouidah, ao mesmo tempo em que três homens foram sacrificados em sua homenagem na praia. O funeral durou vários meses e foi organizado por Domingos José Martins, outro grande traficante brasileiro que se instalou em Ouidah sob a proteção de Chachá, a quem sucedeu como o mais importante traficante de escravos da região (ROSS, 1965 *apud* GURAN).

¹⁴ As amazonas ou *minon*, nossas mães na língua fongbe, são um antigo regimento militar feminino do Reino de Daomé (agora Benin) que existiu até o final do século XIX. Elas são assim chamadas por ocidentais e historiadores por causa de suas semelhanças com as míticas amazonas da antiga Anatólia (HISTOIRE DU BENIN: LES AMAZONES, 2022).

¹⁵ Lembrando que, na cultura beninense, a morte de uma pessoa de terceira idade é comemorada, pois se considera que ela voltou para casa.

Em março de 1995, a família Souza decidiu criar a União da Família Souza, “associação apolítica, de caráter familiar”, reunindo “os descendentes de Dom Francisco Félix de Souza aderentes às leis” (GURAN, 2022). Honoré Feliciano de Souza foi eleito seu presidente. Desde então, todo ano, a família Souza do Benin e do Togo se reúne para se reencontrar e comemorar durante quatro dias.

Segundo uma interlocutora minha, Sonia de Souza, que é membro da família, nem todos os membros dessa família são descendentes de Félix: alguns são descendentes de retornados que tinham o mesmo sobrenome. Ao voltar ao Benin, estes não foram morar na capital, como a maioria, e ficaram em Ouidah e se misturaram com a família Félix.

Somente os membros dessa família conseguem ainda diferenciar quem é descendente de escravizados e quem é da linha Félix. De acordo com a interlocutora, essa diferenciação acabou quando decidiram unir todos os Souza em uma única família.

1.3 Sobre a cidade de Porto Novo

Porto Novo - nome escolhido por exploradores e colonizadores europeus - foi assim denominada em 1730 devido à sua semelhança com a cidade do Porto, de Portugal (SINOUE; OLOUDÉ, 1988). Essa designação ocidental sucede os nomes dados pelas populações locais dos grupos étnicos adja e yorubá, respectivamente Hogbonou e Adjacé.

Porto Novo contava, em 2022, aproximadamente 234,168 de habitantes, segundo o *World Population Review*. Fundada provavelmente no final do século XVII, desenvolveu-se no século XVIII. Na época do tráfico de escravos, era a capital de um pequeno reino que existiu até o início do século XX.

A capital beninense aproveitou as novas atividades que desenvolvia – tráfico de escravos e produção de óleo de palma – e tornou-se, durante cerca de um século, o principal centro econômico da região. Além disso, adquiriu novas funções políticas. No final do século XIX, a França estabeleceu um acordo com o rei local para torná-la uma de suas bases. A cidade sempre foi aberta ao mundo exterior e tira sua força disso. Primeiro, os camponeses de arredores e comerciantes yorubás; depois, os afro-

brasileiros do século XIX, sem esquecer dos comerciantes europeus: portugueses, franceses, alemães, ingleses.

A cidade permanece habitada principalmente pela etnia adja: goun, ouémé, torri, sétto e toffi constituem cerca de dois terços da população. No passado, como hoje, Porto Novo atraiu muitos representantes da civilização yorubá, os quais compõem quase um terço da população. Os outros habitantes de Porto Novo são fon e mina, ou de ascendência afro-brasileira.

Desde meados do século XX, confrontado com os problemas de urbanização pelo rápido crescimento populacional, Porto Novo apresenta uma organização espacial e tecidos urbanos que testemunham sua história: os distritos fundados pelos reis, príncipes e sacerdotes, aqueles criados por estrangeiros ou comerciantes e outros projetados pela administração colonial. Além do mais, locais de culto – mesquitas, igrejas, templos animistas –, o palácio, as casas comerciais e, finalmente, as moradias fornecem informações sobre uma sociedade que passa por uma história densa e agitada. No entanto, como em muitas outras cidades, esse patrimônio está em processo de desaparecimento (SINOUE; OLOUDÉ, 1988).

A cidade de Porto Novo, assim como várias outras cidades de Benin, foi alvo dos traficantes de escravos. Após a abolição do tráfico de escravos, os comerciantes, privados de sua principal fonte de renda, promoveram o desenvolvimento da produção agrícola local, principalmente palmiste, que é o óleo de palma. Quanto aos afro-brasileiros, exportam essa mercadoria para o Brasil, com quem ainda mantém contato.

Se Ouidah é a cidade que mais lembra a escravidão por ter ainda hoje os traços e a memória do passado, a capital é a cidade beninense que mais exprime a realidade brasileira. Além da presença dos retornados, encontram-se algumas representações brasileiras, a exemplo da arquitetura.



Figura 9 - Arquitetura agudá
Fonte: Google

Essa construção é uma mesquita erguida principalmente por ex-escravizados, retornados do Brasil no século XIX, que reproduziram no país algumas práticas de construção de seus senhores. Os afro-brasileiros buscaram no local identificar-se com os europeus e constituir, graças ao comércio e em apoio aos colonos, um grupo privilegiado. Além disso, dominaram os ofícios de construção aprendidos no Brasil, envolvendo marcenaria e alvenaria, e criaram localmente pequenos negócios (SINOUE; OLOUDÉ, 1988).

As habitações dos agudás diferem radicalmente das dos nativos. As casas, muitas vezes, são compostas em pisos com níveis de várias salas anexadas umas às outras e, às vezes, cercadas por galerias. Esses edifícios são construídos com tijolos de terracota e cobertos com um telhado de chapa para quatro taludes, apoiados por um pórtico (SINOUE; OLOUDÉ, 1988). O mobiliário também remete à tradição europeia: mesas, aparadores, camas e armários feitos no local ou importados da França. “Os edifícios, em seu modo de organização, se aproximam das casas dos senhores portugueses, que foram reproduzidas pelos colonos no Brasil e que se referem particularmente à arquitetura das vilas dos senhores de Lisboa construídas nos séculos XVII e XVIII” (SINOUE; OLOUDÉ, 1988, p. 117).

Tais construções se expandiram na cidade entre o século XIX e início do século XX. Os agudás construíram em Porto Novo muitos edifícios perto do mercado e da missão católica. Os europeus à procura de alojamento os alugavam, e os ricos do país

os compravam. No início do século, morar em uma “casa brasileira” era sinal de sucesso social, já que os menos afortunados não tinham como mantê-las.

Marcante na cidade e lembrança da presença da comunidade agudá no local é o Museu da Silva. Inaugurado em 1998, o Museu da Silva está instalado em uma casa de estilo afro-brasileiro. Na recepção do museu, encontram-se várias representações que refazem o percurso do comércio triangular¹⁶ e a Rota dos Escravos. O espaço ainda é chamado de “dever de lembrar a escravidão europeia”.



Figura 10 - Museu da Silva
Fonte: Google

O museu está instalado em um prédio de estilo arquitetônico afro-brasileiro. A casa, construída em 1890, pertencia a uma rica família agudá cujo nome não foi mencionado. Algumas salas do edifício são decoradas em estilo de época com fotografias antigas penduradas nas paredes.

¹⁶ A expressão “comércio triangular” está ligada ao fenômeno da escravidão e mais especificamente ao tráfico de escravos. Se a escravidão existe desde muito antes, foi no século XVI que um triste comércio se organizou em grande escala entre Europa, África e América. O princípio é o seguinte: os navios saem dos principais portos da Europa carregados com diversas mercadorias (armas, vinho, bebidas alcoólicas, sucata, etc.) que trocarão nas costas da África por homens e mulheres para trabalhar. Essas embarcações continuam sua rota para as Índias Ocidentais, Brasil ou América do Norte, onde os escravos eram vendidos para especiarias, açúcar, rum, algodão, café e cacau destinados ao país europeu (LE DICO DU COMMERCE INTERNATIONAL, 2022).

Cada parte do edifício é dedicada a uma exposição específica: salão da civilização africana, da civilização greco-romana, os negros de grande fama, as mulheres e a herança musical dos negros.

Além dessas representações arquitetônicas, há em Porto Novo os ritmos musicais tocados principalmente nos dias festivos – Nosso Senhor do Bonfim, São Cosme e Damião, Festa da Burrinha e desfile de carnaval. No dia do desfile, por exemplo, a comunidade agudá percorre quase a cidade inteira cantando músicas brasileiras. Hoje, graças à internet e aos meios de comunicação, as músicas brasileiras estão presentes não só na cidade de Porto Novo, mas em todo o solo beninense, nas rádios, nos restaurantes e nas boates.

Um dos entrevistados, Pierre, afirma: “Eu gosto muito dos ritmos brasileiros. Não entendo as letras, mesmo assim, gosto muito. Ouço quase todos os dias as músicas de Michel Teló e da Anita”. Segundo ele, conheceu quase todas as músicas brasileiras pelo TikTok, a mais recente rede social.

Adiante, retomaremos, entre outras, as fontes de conhecimento das coisas brasileiras a que recorrem os agudás.

2 Brasil e Benin: novos vínculos

No primeiro capítulo deste trabalho, falamos sobre a ligação desses dois países, que, por mais longe que se encontrem geograficamente, têm histórias vivas do passado cujas influências são perceptíveis no presente tanto de um lado quanto do outro. Neste capítulo, abordaremos os novos vínculos que existem atualmente entre os dois países no âmbito cultural e que são até hoje pouco abordados, seja pela mídia, seja no mundo acadêmico.

2.1 Culinária: uma outra feijoada

Os retornados, que formaram a maioria dos agudás no Benin, passaram a assimilar os códigos da cultura brasileira, seja na vestimenta, na linguagem, no comportamento ou na culinária. Os agudás são os principais responsáveis por inserir na cultura beninense os hábitos brasileiros.

Na culinária, tema desta seção, os brasileiros do Benin introduziram pratos típicos do Brasil, como canjica e feijoada, sendo a mais conhecida a feijoada, ou

melhor, *fechoada*, como bem chamam. No início, esse prato era feito apenas pela comunidade dos retornados e, principalmente, nas comemorações como domingo de Bonfim e festa de final de ano. Hoje, é feito por todo mundo no território beninense e até mesmo fora das nossas fronteiras, graças à disponibilidade de vídeos e receitas da sua preparação na internet. Neste trabalho, mostraremos o passo a passo da preparação dessa iguaria no Benin, que hoje difere da tradicional feijoada brasileira.

2.1.1 *O encontro com Eléonore Vieyra*

Um dia, uma amiga do Benin com quem eu morava me perguntou sobre o meu tema do mestrado. Para simplificar, falei que estava pesquisando sobre os agudás. Ela respondeu toda sorridente:

- Você tem muita sorte, Vicky. A minha tia que está vindo me visitar pertence a essa comunidade e ela ama falar sobre esse assunto.

Desde então, fiquei muito na torcida para que a viagem dela corresse bem e se concretizasse. Na sua chegada, sabendo que ia passar dois meses no Brasil, decidi não a atormentar com muitas perguntas de imediato. Porém, nas nossas conversas diárias, contei um pouco sobre o tema da minha dissertação e aproveitei para convidá-la a participar das entrevistas que venho fazendo para a pesquisa. Ela aceitou sem cogitar.

Eléonore Vieyra, funcionária de Lotérica Nacional do Benin, completou 66 anos em 2022, ano em que também conseguiu realizar seu maior sonho: conhecer o Brasil. Ser da comunidade agudá é pouco para situar seu grupo étnico. Eléonore se considera “agudá raiz”, como ela mesma se define. Isso porque tem pais agudás e se casou com um homem da mesma comunidade, da família Sacramento. Segundo ela, o membro da sua família que foi escravizado no Brasil era originário da Nigéria, país vizinho do Benin. Na volta, decidiu morar em Ouidah, no Benin, onde construiu sua vida. Ele era bisavô de Eléonore e se chamava Mamaguyé.

Desde criança, Eléonore aprendeu muito sobre a cultura brasileira com sua avó, o que despertou nela uma grande curiosidade e vontade de conhecer o Brasil, principalmente a cidade de Salvador, capital da Bahia, de onde saiu o bisavô. Casada, mãe de cinco filhos e avó de oito netos, Eléonore nunca desistiu do seu sonho.

Após várias tentativas frustradas, ela conseguiu finalmente, em 2022, conhecer não só Salvador, mas várias outras cidades brasileiras, como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Mas, de todas essas cidades, a que ela mais gostou e sentiu como em casa foi, obviamente, Salvador. “Senti uma coisa em Salvador que eu não sei descrever. Me senti como em casa e as pessoas parecem tanto com as pessoas do Benin! Sempre quis conhecer e agora que conheci a minha vontade de voltar é maior”, contou emocionada.

Eléonore hoje tem outro sonho: aprender o português para não só poder se comunicar com os brasileiros na próxima vez que vier, mas para tentar procurar o resto da sua família que ficou no Brasil. Após essa primeira conversa, com tantas emoções, combinamos o ensino da preparação da *fechoada* para o próximo encontro.

2.1.2 *Feijoada/Fechoada*

A feijoada é um dos pratos típicos mais conhecidos e populares da culinária brasileira. Composta basicamente por feijão preto e algumas partes do porco, é acompanhada por farofa, arroz, couve cortada bem fina e refogada e rodela de laranja. A história da invenção desse prato causa polêmica até hoje, pois, no senso comum, o prato é indicado como uma criação dos africanos escravizados que vieram para o Brasil. Mas alguns historiadores defendem o contrário. Nosso objetivo aqui não é contar a história da feijoada, mas mostrar a maneira como essa comida é preparada e consumida no outro lado do Atlântico, no Benin.

Os agudás introduziram na culinária beninense a famosa feijoada, no Benin conhecida como *fechoada*. A *fechoada* apresenta algumas diferenças da feijoada tradicional brasileira.

Uma sexta-feira, eu e minha amiga levamos Eléonore para degustar a feijoada num restaurante brasileiro. Depois de se servir, a primeira pergunta que fez foi: “Cadê a farinha de mandioca?”. No prato dela, tinha apenas a feijoada e a farofa, mas não o arroz, que ela recusou por costume.

– Tia, o que achou da feijoada brasileira? Existe alguma diferença com a do Benin? – perguntei.

– Por que essa pergunta? Você nunca comeu *fechoada* no Benin? Ah não, filha, precisa nos visitar – respondeu. Mas existe uma pequena diferença entre as duas.

Vou te ensinar a preparar a *fechoada* beninense e você mesma vai perceber a diferença.

– Qual das duas você prefere? - continuei.

– Não sei dizer se tenho preferência ou não, mas é sempre bom provar algo diferente.

A princípio, o combinado era me ensinar a fazer a *fechoada* como as mães beninense nos ensinam a cozinhar: ver fazendo para depois reproduzir. Mas, infelizmente, ela adoeceu e não conseguimos cozinhar juntas. Mesmo assim, ela me explicou como se faz.

A *fechoada* é um dos pratos típicos dos agudás. A princípio, era preparada apenas nas datas comemorativas. “Temos costume de cozinhar a *fechoada* somente nas datas comemorativas, assim como o cassoulet¹⁷, porque leva muito tempo o preparo. Mas hoje a *fechoada* está em todo lugar e pode ser consumida em qualquer dia”, esclareceu Eléonore.

A feijoada tradicional brasileira conta com os seguintes ingredientes:

- Feijão preto;
- Costela de porco;
- Carne seca;
- Lombo de porco;
- Linguiça defumada;
- Pé de porco;
- Rabo de porco;
- Toucinho defumado;
- Orelha de porco;
- Paio;
- Cebola;
- Alho;
- Banha ou óleo;
- Folhas de louro;
- Tempero a gosto.

¹⁷ O *cassoulet* é uma especialidade gastronômica de origem francesa da região de Languedoc-Roussillon, em especial das cidades de Carcassonne, Castelnaudary e Toulouse. Há diversas versões, mas é feito basicamente com feijão e carne, principalmente o confit d'oie (confit de ganso), confit de canard (confit de pato), salsichas, linguiça, carne de porco, e até mesmo cordeiro dependendo da temporada do ano ou da variedade local. Cassoulet é também consumido no Benin.



Figura 11 - Feijoada tradicional brasileira
Fonte: Google

Quanto à *fechoada*, os ingredientes são um pouco parecidos, mas o preparo é bem complexo. Eléonore passou os ingredientes e o modo de preparo e eu fui colocar a mão na massa. Depois de entender a história desse prato, o próximo passo era descobrir como fazer a famosa *fechoada*.

Sexta-feira

Hoje é uma sexta-feira de novembro de 2022. Decidi que, antes de fazer a *fechoada*, primeiro eu provaria, ou melhor, comeria novamente a feijoada tradicional brasileira. Eu poderia fazer em casa, mas confesso que não queria nem tentar. Portanto, fui a um restaurante que sempre serve feijoada como prato principal nas sextas-feiras. Como fiquei sabendo? Claro, já almocei lá e nem foi só uma vez.

Já que eu conhecia o cardápio, pelo menos o de sexta-feira, saí de casa às 12h, peguei três ônibus e cheguei por volta das 13h30. Pois é. O que não faço por uma boa refeição. E isso foi porque nem sou tão fanática por feijoada.

Ao chegar, peguei como de costume a fila para me servir. Uma das coisas que gostaria de verificar no prato eram os ingredientes visíveis, claro. Para ser sincera, parece-me que eu nunca levei tanto tempo para apreciar cada colherada de uma comida. Embora tenha variadas receitas, os ingredientes principais visíveis desse

prato são feijão preto, linguiça, costela. Como acompanhamento, farofa, couve refogada e arroz.

Cada colherada foi bem apreciada. E, antes de terminar o meu prato, perguntei ao garçom por que escolheram sexta-feira para fazer esse prato.

- Não sei te explicar, moça. Nunca perguntei - respondeu.

Fiquei satisfeita? Com certeza, não. Mas a missão pela qual fui para esse lugar foi muito bem cumprida. Como não gosto de almoçar sozinha, levei um velho amigo comigo.

Depois do almoço, tive que voltar para casa de Uber, pois não me parecia uma boa ideia pegar mais três ônibus para voltar. O decidido, nesse dia, era ir fazer compras no supermercado para preparar a *fechoada* dos agudás. Mas uma tempestade começou e o sono me venceu.

A preparação ficou então para domingo. Planejei acordar cedo e ir fazer as compras no supermercado perto de casa. No início, tinha combinado de fazer essa preparação junto com uma amiga, que é meio agudá. Mas ela nunca tinha tempo. Quando finalmente teve, testou positivo no exame de Covid-19. Tomei, portanto, a iniciativa de cozinhar.

Como mencionado, o plano era ir ao supermercado no domingo cedo fazer as compras, mas eu estava muito ansiosa, não conseguia esperar. Então, no sábado à tarde, depois das minhas caminhadas diárias, passei pelo mercado e comprei quase tudo que estava na minha lista. Mas, ao chegar em casa por volta das 19h40, percebi que tinha esquecido o principal ingrediente: o feijão. Como é possível fazer *fechoada* sem feijão? Nem tenho argumento para me justificar. Porém, pela hora e por ter subido as ladeiras, julguei impossível voltar. Decidi ir no domingo, de manhã bem cedo. No dia seguinte, retornei ao local como prometido: CEDO. Cheguei às 7h15 e descobri que o estacionamento funciona nos domingos somente a partir de 9 horas. Pelo visto, tinha tudo contra o meu plano perfeito. Como desistir não faz parte do meu dicionário, esperei até o local abrir. Depois de chegar em casa, cansada, coloquei o feijão de molho, tirei as carnes da geladeira, tomei café da manhã e comecei o preparo.

INGREDIENTES

- Feijão
- Óleo

- Carne (lombo)
- Linguiça defumada
- Tomate
- Tomate concentrado
- Alho
- Gengibre
- Pimentão
- Cebola
- Folha de louro
- Cenoura
- Repolho
- Sal



Figura 12 - Ingredientes da fechoada
Foto: Victoire Adjalla

Sempre gostei muito de cozinhar, por isso achei que seria uma tarefa bem fácil. Assim que comecei, entendi por que os agudás fazem esse prato somente nos dias comemorativos. Fazer a *fechoada* me lembrou muito outro prato do Benin que todo mundo faz só no Natal e no Ano Novo: cassoulet. Eu achava que isso era devido ao preço do feijão, que não é um feijão comum e custa uma fortuna. Mas não tinha nada a ver. É principalmente por causa do trabalho e do tempo que leva para preparar o prato. Só o cozimento do feijão de cassoulet leva, no mínimo, oito horas. Minha mãe sempre começava à noite para o feijão ficar pronto ao amanhecer.



Figura 13 - Cassoulet
Fonte: Google

Voltando ao preparo da *fechoada*, segui exatamente as instruções da minha entrevistada e também, no dia anterior, assisti a um vídeo sobre o preparo do prato no YouTube. É notável a falta de medida certa dos ingredientes, o que é justamente a maneira como somos ensinados a cozinhar no Benin. Minha mãe, por exemplo, nunca me ensinou a cozinhar sob medida. Na entrevista com Eléonore, descobri que esse modelo era bastante partilhado. Quando ela começou a ensinar os preparos e perguntei quantos copos de feijão poderia colocar, ela respondeu:

- Filha, você pode colocar o que acha que vai poder comer.

Portanto, fui seguindo o meu coração. O feijão vermelho é o mais usado para o preparo da *fechoada*, embora, segundo a entrevistada, exista o feijão preto também no Benin, o que eu nunca havia visto. Comecei, portanto, a colocar o feijão de molho.

Eléonore costuma usar carneiro para esse prato. Não foi possível achar carneiro, por isso comprei um quilo de lombo. Enquanto o feijão estava de molho, cortei, lavei com limão, coloquei numa panela e temperei a carne a gosto. Como tempero, usei sal, folha de louro, gengibre, alho, cebola e um tempero do Benin conhecido como *7 épices* que minha tia mandou. Adicionei meio copo de água e levei ao fogo para cozinhar.



Figura 14 - 7 épices
Foto: Victoire Adjalla



Figura 15 - Carne com temperos
Foto: Victoire Adjalla

Depois de 25 minutos, experimentei para ter certeza de que a carne havia cozinhado. Desliguei o fogo e coloquei o feijão para cozinhar. Depois de 1h30, abri a panela para ver se já estava cozido. Não estava. Adicionei mais água e deixei cozinhar por mais tempo. Enquanto o feijão cozinhava, era hora de fazer o que menos gosto na cozinha: cortar verduras. Lavei todos os legumes e comecei a cortar. Eu bem que queria um ajudante nesse momento, mas não tinha ninguém para me auxiliar, então precisei fazer sozinha. Cortei meia cebola, meio pimentão, cinco dentes de alho, um pouco de pimentão, um pouco de gengibre, adicionei um pouco de pimenta do reino e bati tudo no liquidificador. Reservei. Cortei três tomates, bati no liquidificador e reservei. Cenoura é um dos meus legumes favoritos. Sempre que quero usar uma, compro duas. Então, tinha duas cenouras. Cortei ambas separadamente em rodela, pois uma ia na comida e outra ia ser comida crua. Cortei, por fim, um pouco de repolho.



Figura 16 - Cebola e linguiça
Foto: Victoire Adjalla



Figura 17 - Cenoura
Foto: Victoire Adjalla

Nesse momento, lembrei que não tinha cortado a linguiça. A linguiça era o único ingrediente que eu nunca havia comprado. Ao comprar, pedi um quilo de linguiça defumada e logo percebi que seria muito. Queria pedir para diminuir a quantidade, mas fiquei com vergonha. Por não ter costume de comer linguiça, separei uma parte e cortei em rodela. Até agora não tenho ideia do que fazer com o resto.

Confesso que ao chegar nesse momento, já estava muito cansada e a vontade de desistir só aumentava. Mas eu não desisto facilmente! O jeito era prosseguir. Depois de cozinhar a carne, o feijão e cortar os vegetais, cheguei ao momento mais importante do preparo. A *fechoada* tem uma particularidade. O feijão, depois de cozido, deve ser levado ao liquidificador e triturado até se obter um purê. Eléonore

usava almofariz e pistilo, mas hoje em dia usa o liquidificador. Depois, é preciso coar com escurredor. O purê obtido é levado ao fogo com baixa temperatura para secar.



Figura 18 - Purê de feijão
Foto: Victoire Adjalla

Enquanto o purê de feijão secava, peguei uma panela, coloquei um pouquinho de óleo, adicionei a cebola e o lombo cozido para refogar. Depois, adicionei as rodelas de linguiça. Alguns minutos depois, coloquei os temperos, uma colher de extrato de tomate, tomate fresco batido no liquidificador e deixei por 10 minutos. Provei para acertar o sal, coloquei as rodelas de cenoura, o repolho cortado e deixei por mais 5 minutos. Por fim, adicionei o purê de feijão. Cinco minutos depois, a *fechoada* estava pronta para ser servida. Descobri nesse dia que eu, definitivamente, não sei cozinhar para poucas pessoas. O feijão sobrou e o purê também.



Figura 19 - *Fechoada*
Foto: Victoire Adjalla



Figura 20 - *Fechoada com arroz*
Foto: Victoire Adjalla

Esse prato é geralmente servido com pão ou com farinha de mandioca. Eu tinha os dois acompanhamentos, mas, para variar, fiz arroz. Foi um longo processo, com resultado gratificante e surpreendentemente muito gostoso.

2.1 Carnaval

A culinária não é o único elemento cultural brasileiro presente no Benin. Temos, entre outros, o carnaval, tema desta seção.

2.1.1 A origem de carnaval e o carnaval brasileiro

O carnaval é uma das festas populares mais conhecidas no mundo ocidental, sendo a maior festividade do Brasil. Sua origem remonta à Idade Média e tem associação direta com o Cristianismo. Segundo a biblioteca *on-line* da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o carnaval chegou ao Brasil durante o período colonial, caracterizado por diversas brincadeiras, como o entrudo.¹⁸



Figura 21 - Carnaval antigamente
Fonte: Google

¹⁸ “O entrudo consistia na ocupação das ruas das cidades, mas também nos espaços rurais e mesmo dentro das casas, onde a população realizava brincadeiras nas quais se jogavam água, farinhas e polvilhos, além de outros líquidos como os denominados limões de cheiro, café, tinta, groselha, lama e até urina” (UOL, 2022).

Essa ilustração mostra o carnaval brasileiro no período colonial. Ao longo do século XX, ritmos e danças passaram a fazer parte do carnaval brasileiro. Atualmente, ritmos como samba, maracatu e frevo são seus símbolos. Ainda de acordo com a biblioteca online, o carnaval transformou-se na principal festa popular brasileira a partir da década de 1930 e, atualmente, conta com os blocos de rua que ocupam os grandes centros do país, assim como os desfiles das escolas de samba.

No Brasil, o carnaval de rua é a maior festa popular do país e tem sua data determinada pelos critérios que definem a data de Páscoa. A festividade é fixada 47 dias antes da Páscoa. A festa é organizada em todo o país, mas as maiores festas ocorrem nas cidades do Rio de Janeiro, de São Paulo, do Recife e de Salvador.



Figura 22 - Carnaval brasileiro
Fonte: Google

2.1.1 Carnaval dos agudás em Porto Novo

Uma das tradições brasileiras presentes também no Benin é o carnaval. Mas o carnaval dos agudás é concentrado em duas cidades: Ouidah e Porto Novo, duas cidades beninenses onde há maior presença dos retornados. Diferentemente do carnaval brasileiro, o carnaval dos agudás de Porto Novo dura apenas um dia. Nas comemorações de festas como Páscoa, Dia Internacional da Mulher ou mesmo enterro de um ente querido, nós, beninenses, temos o costume de vestir a mesma roupa, geralmente de tecido africano, durante as festividades. Ao levarem o carnaval para o Benin, os agudás também adotaram esse costume. “Todo ano, como de

costume, escolhemos um tecido que todas as pessoas da nossa comunidade comprem e mandam costurar para participar do carnaval”, afirma o senhor Amaral, policial aposentado.

Tirando os agudás e a população dessas cidades, essa festa é pouco conhecida pelo resto da população beninense. Diferente do carnaval brasileiro, os festejos ocorrem em janeiro, devido às celebrações em louvor a Nosso Senhor do Bonfim. Geralmente, no terceiro domingo do mês de janeiro. Em 2021 e 2022, devido à pandemia da Covid-19, não houve comemoração.

Apesar de ser introduzido pelos agudás, o carnaval de Porto Novo é unificado, com a participação de muitas famílias e em espaço público. Em Ouidah, depois das marchas pela rua, a cerimônia do carnaval ocorre nas casas das famílias de Souza e são particulares.

Em Porto Novo, a festa começa no sábado anterior ao domingo do Bonfim, na parte da tarde, na Maison Amaral. Com ritmos musicais brasileiros, os foliões saem de casa para tomar as ruas da cidade de Porto Novo. Durante as danças, assim como no Brasil, as pessoas se fantasiam, representando políticos, personagens históricos e míticos. Nas festividades como essa, são servidos pratos brasileiros, como feijoada e canjica.



Figura 23 - Carnaval dos agudás
Foto: Google

O senhor Amaral já visitou o Brasil mais de uma vez. Além de ser o representante dos agudás em Porto Novo, é músico tradicional, e algumas das suas músicas são em português. “Sempre quando posso, vou para o Brasil aprender algumas coisas da cultura para poder inovar um pouco, pois tudo que sabemos nos foi ensinado por nossos pais. Eu sei sambar e ensinei os meus filhos também. Mas quando você vai para o Brasil, percebe que o samba deles é diferente. Aos poucos, vamos inovando”, completou o senhor Amaral.

A seguir, algumas fotos do carnaval dos agudás de Porto Novo, feitas em 2010 por Brice Sogbossi, professor de Antropologia na Universidade Federal de Sergipe.

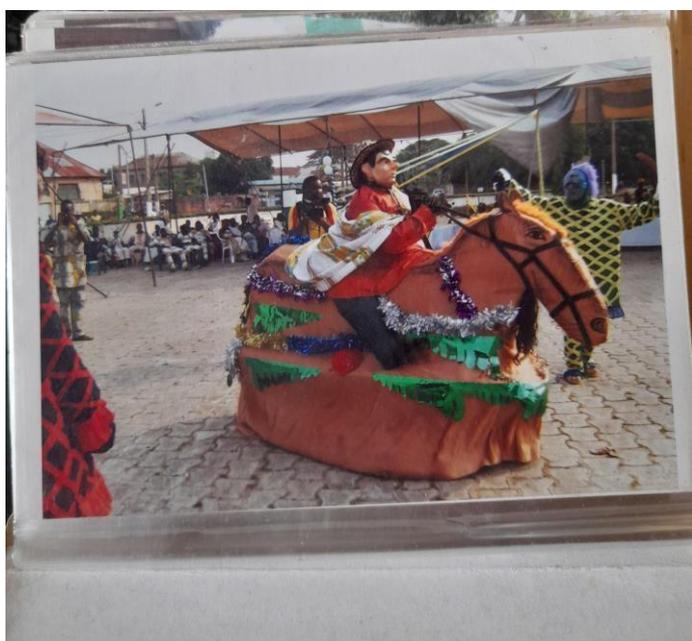


Figura 24 - Carnaval dos agudás 1



Figura 25 - Carnaval dos agudás 2



Figura 26 - Carnaval dos agudás 3



Figura 27 - Carnaval dos agudás 4



Figura 28 - Carnaval dos agudás 5



Figura 29 - Carnaval dos agudás 6



Figura 30 - Carnaval dos agudás 8



Figura 31 - Carnaval dos agudás 7

2.2 Linguagem

O Benin é um mosaico linguístico. Cerca de 60 idiomas nacionais são falados por uma população de menos de 13 milhões de habitantes, segundo dados do Banco Mundial em 2021. No Benin, é muito fácil diferenciar os idiomas nacionais mesmo que não entendamos todos. O país reúne vários grupos étnicos e, portanto, cada grupo étnico fala uma língua. Por exemplo, o grupo étnico Fon fala fon. Os Adjás falam adja, e assim por diante.

E todo esse quadro linguístico beninense foi influenciado pelos agudás de uma forma ou de outra. É esse outro código da cultura brasileira - a linguagem - que vamos abordar nesta última seção do capítulo 2, da perspectiva de mais um elemento que os agudás trouxeram em sua bagagem quando retornaram do Brasil e que influenciou a cultura beninense.

2.2.1 Grupos étnicos (línguas nacionais)

Os Fons e os Adjás, duas comunidades muito aparentadas, constituem os maiores grupos do Sul do país, mas os Baribas e os Sombas são os mais numerosos no Norte do país. Juntos, os Fons, Adjás, Baribas, Gouns, Nagos e Fulfudés constituem 52,6% da população total. Os iorubás, que constituem cerca de 10% da população, predominam no Sudeste (IFEMI, 2022).

A outros pequenos grupos costeiros, como os Mina e os Pla, acrescentem-se os brasileiros, que, com nomes portugueses, eram escravizados retornados do Brasil em finais do século XIX. São estas as principais etnias por região:

Sudoeste	Adjás, Ouatchis, Guins, Houédas, Houlas
Sul	Fons, Aïzos, Holis, Toffins
Sudeste	Gouns et Yorubás
Centro	Fons, Mahis, Yorubás
Norte/Nordeste	Batombus, Dendis, Fulbés

No que diz respeito às línguas nacionais, existem quase 60 no país, como já mencionado. Destas, fon é a língua nacional falada por mais de 20% da população. Seguem-se yoruba (8%), bariba (8%), adja (8%), goun (6,3%) e aizo (3,9%). Esses dados são baseados no mapa linguístico do Benin de 2013 (Figura 22):

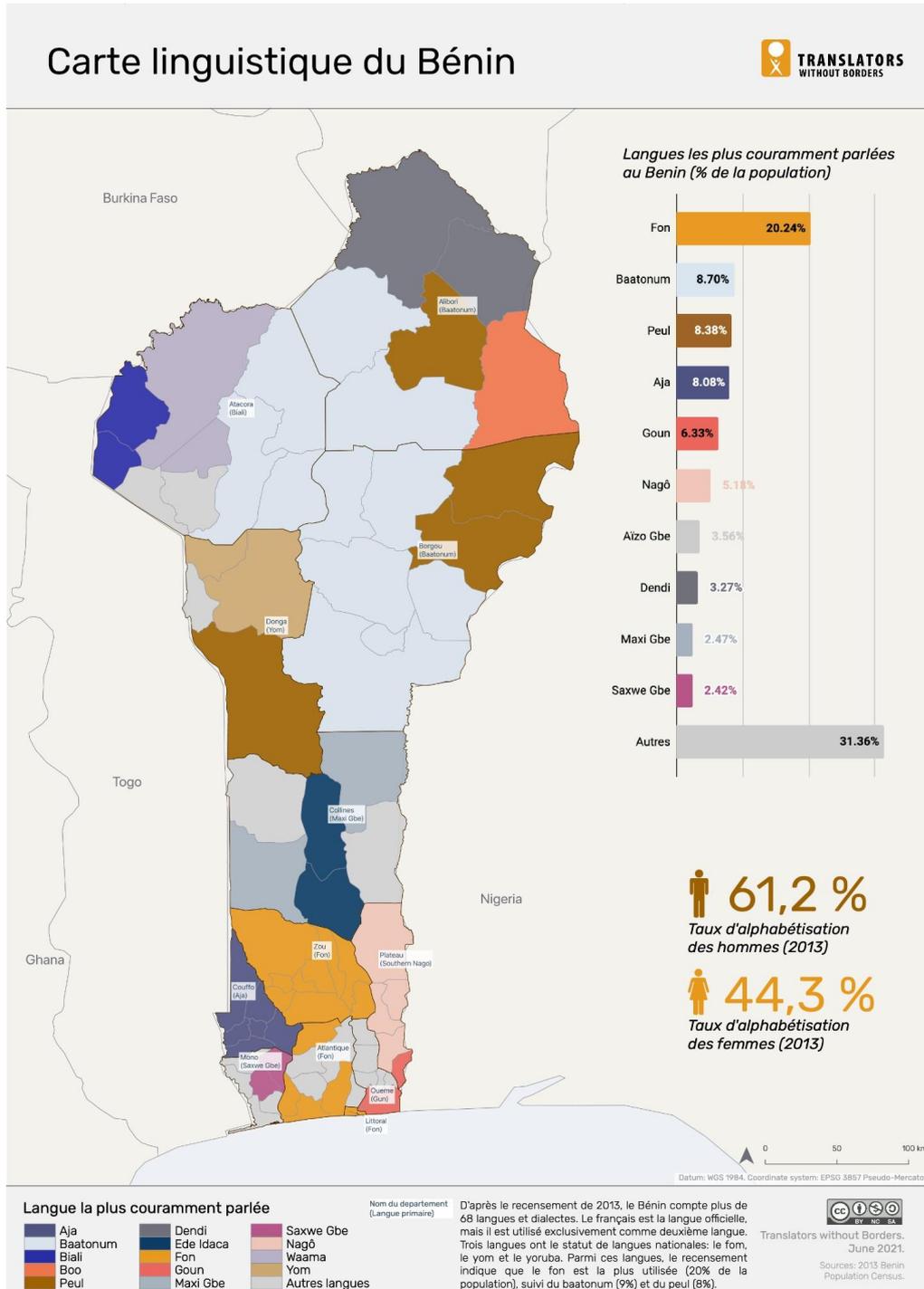


Figura 32 - Carta linguística de Benin
Fonte: Google

2.2.2 Política linguística no Benin

A política linguística do Benin tem dois componentes: um lida com o francês como língua oficial, o outro com as línguas nacionais. O artigo 1º da Constituição de 11 de dezembro de 1990 proclama que o francês é a língua oficial:

Artigo 1º

O Estado de Benin é uma república independente e soberana.

A capital da República do Benin é Porto Novo.

O emblema nacional é o tricolor verde, amarelo e vermelho. A partir do fuste, uma faixa verde em toda a altura e dois quintos de seu comprimento, duas faixas horizontais iguais: a superior amarela, a inferior vermelha.

O hino da República é “L'aube nouvelle”

O lema da República é “Fraternidade - Justiça - Trabalho”.

A língua oficial é o francês.

[...]

De acordo com a Constituição do Benin, o francês é a língua do Estado, ou seja, da Presidência, do Parlamento, da Administração, da Justiça e da Educação.

Isso significa que apenas o francês é admitido no Parlamento, tanto em debates quanto na redação e promulgação de leis. Nos tribunais, é permitido falar várias línguas nacionais, especialmente Fon, Yorubá e Bariba. No entanto, em documentos escritos, apenas o francês é usado. O juiz profere oficialmente suas sentenças em francês, mas o tribunal traduz a sentença do francês para qualquer outro idioma quando julgar necessário. (BENIN, 2022)

Também deve ser lembrado que o Estado beninense adotou uma lei¹⁹ que enfatiza a promoção das línguas nacionais. O Título IV da referida lei assim dispõe: “Desenvolvimento das línguas nacionais e alfabetização” (artigos 17 a 21). Nos termos da Carta, o Estado beninense reconhece “a necessidade imperiosa de desenvolver as línguas nacionais, vectores das nossas culturas e instrumentos privilegiados de desenvolvimento cultural e social” (IFÈMI, 2023).

Além disso, podemos ler: “O Estado beninense, assegurando a igualdade de promoção para todas as línguas nacionais, deve preparar e implementar as reformas

¹⁹ Artigo 21º O Estado do Benin, assegurando a igualdade de promoção de todas as línguas nacionais, deve preparar e implementar as reformas necessárias para a introdução gradual e metódica dessas línguas no ensino.

necessárias para a introdução gradual e metódica dessas línguas na educação” (IFÈMI, 2023).

Obviamente, essa política demorou muito para se concretizar, mas, “desde outubro de 2013, algumas línguas nacionais beninenses como fon, mina, adja e outras são ensinadas em algumas escolas e universidades” (IFÈMI, 2023). Essa é uma das iniciativas do Estado para concretizar o programa de inserção das línguas nacionais no sistema de ensino.

No que diz respeito aos meios de comunicação, os programas de rádio são produzidos em francês e em várias línguas nacionais. A Rádio e a Televisão de Benin transmitem em 18 línguas nacionais. Não se pode esquecer que a rádio é destinada a um grande público formado por muitos ouvintes de áreas rurais ou suburbanas que, muitas vezes, conhecem apenas sua língua materna. Programas transmitidos apenas em francês não teriam chance de atingir a menor audiência entre um público que não domina esse idioma.

2.1.1 O uso de português no Benin

O longo período de escravidão marcado pelos contatos afro-portugueses teve como consequência natural a presença massiva do lusitanismo nas línguas do país e principalmente nas do Sul, onde os contatos comerciais, linguísticos e culturais foram estendidos. Também é importante adicionar a isso o papel fundamental dos agudás:

No plano linguístico, muito também foi dito e escrito. No que diz respeito à questão da lexicologia relativa ao espaço geográfico da África Ocidental em relação a Portugal, apenas alguns fragmentos de informação são conhecidos, pois os lusistas estão quase em silêncio sobre o assunto. No entanto, quando observamos o universo linguístico local, percebemos que algumas manifestações lexicais não são inocentes. A passagem dos portugueses na sub-região a partir do século XV contribuiu para deixar marcas linguísticas que se tornaram indelévels ao longo do tempo. Esses foram reforçadas no século XIX com o retorno dos negros da Bahia após a revolta em 1835. (TOUGBO, 2010, p. 59)

No início de quase todas as entrevistas realizadas *on-line* e presencialmente, depois de me apresentar e informar que estudo no Brasil, ao dar *bonjour* ou *bonsoir*, dependendo do horário, o entrevistado respondia “Bom dia. Tudo bem?”, sorrindo. A primeira vez que isso ocorreu foi com Amaral. Ele falou:

- Bom dia. Tudo bem, *ma fille?* (Risos). O meu português não é bom. Se fosse, poderíamos fazer a entrevista em português, completou rindo.

Embora pareça, não foi apenas uma simples curiosidade da sua parte. Os agudás do Benin só se comunicavam na língua portuguesa, já que haviam nascido e crescido no Brasil. Mas, ao longo do tempo, foram perdendo essa língua para o francês e outras línguas locais. Hoje, embora tenham perdido a prática da língua portuguesa, continuam fazendo uso de algumas palavras ao se encontrarem.

Segundo, Elénore, os agudás não usam essas palavras para se mostrarem diante das comunidades não agudás. “Fazemos isso justamente para continuar lembrando da nossa história, da nossa identidade”. Portanto, toda vez que encontro com um agudá, a primeira coisa que falamos é: “Bom dia. Como vai?” E isso independente do horário.

Ela veio passar quase dois meses no Brasil com a sobrinha. Nesses tempos, toda vez que conversávamos em português, ela prestava bastante atenção, porque, segundo ela, muitas palavras são familiares. “Meus avós falavam português. E também faziam muitas comidas parecidas com as daqui” - ela contava. A primeira vez que a levamos para uma feira no centro de Belo Horizonte, ficou mais ou menos 30 segundos parada olhando para a canjica. “Como chamam esse prato aqui?” - perguntou. “Canjica” - respondemos. E eu completei: “No Nordeste, onde eu morava, é conhecido como mungunzá”.

Ela confessou que a palavra “canjica” não é estranha para ela, nem o prato. “Minha avó fazia um prato como esse, mas era doce”. Compramos para ela provar e ver se lembrava do gosto. Depois da primeira colherada, ela se lembrou, porque tem exatamente o mesmo gosto que a avó fazia quando ela era criança. Depois de comer, ao chegarmos em casa, ela pediu para ensinamos ela a fazer. Eu nunca havia feito, mas, graças à internet, conseguimos reproduzir esse prato para lembrar para sempre.

Além de “canjica” e de outras palavras que despertaram grande interesse e lembranças de infância, palavras como “chave”, “cama” e “aloman” pareceram-me estranhas quando vim morar no Brasil.

Diferente dos agudás e dos habitantes de Porto Novo e Ouidah, eu não havia tido contato com a língua portuguesa antes de chegar no Brasil. Eu sou Aizo, mas também falo fon e goun, línguas locais da capital econômica e política do Benin. Mas,

antes de vir para o Brasil, eu não fazia a menor ideia de que usava palavras da língua portuguesa ao me expressar cotidianamente.

Em 2015, uma vez no Brasil, no Recife, me deparei, primeiramente, com a palavra “chave”. De início, achei que o meu veterano que fez uso dessa palavra estava falando comigo em fon. Mas ele estava no telefone com a namorada. Depois, pensei que, provavelmente, estava ensinando algumas palavras para a sua namorada curiosa. Dia após dia, continuei ouvindo a palavra. Um dia, enquanto aprendia algumas palavras em português para enriquecer o meu vocabulário, me deparei novamente com a palavra “chave”, que significava *clé*, em francês. Eu não queria acreditar. Chamei meu veterano Michael e perguntei como chamava *clé* em português.

- É exatamente como chamamos em fon: chave - respondeu sorrindo. Não está acreditando, né? Pois é. Também eu não acreditava. Mas tem muito mais. No decorrer do tempo, você vai aprender muito mais e, com certeza, vai se surpreender ainda mais. Pelo menos, você nunca mais vai esquecer essa palavra - concluiu rindo.

Ele, realmente, tinha razão. Nunca mais esqueci. Até hoje, toda vez que uso essa palavra, parece-me que estou falando, de alguma forma, uma das minhas línguas maternas.

Além da palavra “chave”, outra que me faz lembrar não só de Benin, mas principalmente da minha casa, é “alumã”. Trata-se de uma planta conhecida como boldo-aluman. Talvez, essa palavra não faça sentido para muitos beninense nem mesmo para os agudás, mas desperta em mim boas memórias. No Benin, essa planta é mais conhecida na língua fon e gun como *amavivé*, o que podemos traduzir como “planta amarga” justamente pelo seu gosto amargo. Na minha língua materna e na cidade de Lokossa, essa planta é chamada de alumã, assim como na Bahia.



Figura 33 - Alumã
Fonte: Google

A primeira vez que ouvi falar em alumã foi em outubro de 2022, quando fui conhecer Salvador. Ao chegar a essa maravilhosa e histórica cidade, meus compatriotas me disseram que não podia deixar de visitar a feira de São Joaquim. Eu só fui entender o porquê depois. Ao entrar na feira, depois de alguns minutos, tive a sensação de estar no mercado Tokpa, do Benin, pela semelhança dos produtos. Mas o verdadeiro choque veio quando vi uma planta familiar e decidi comprar e testar uma vez em casa. Ao me aproximar para perguntar o preço, a vendedora me falou:

– Minha filha, vai querer mesmo o alumã? É muito amargo.

– Como assim, essa planta se chama também alumã no Brasil? – perguntei. Nesse momento, o conterrâneo ainda não havia entendido meu choque e tentava me falar que era a nossa *amavivé*.

– Eu sei - disse. Mas, na minha língua materna, também é chamada de aloman.

E, mesmo sabendo que eu era alérgica a essa folha, comprei e fiz o preparo só para reviver esse momento. Só quem já morou longe da sua casa e da sua cultura sabe como é gratificante degustar sabores típicos da sua terra.

Numa outra entrevista, perguntei para Orphée, agudá e estudante de relações internacionais, se já sabia que a planta conhecida por *amavivé* no Benin era chamada alumã no Brasil. Ele confessou que não a conhecia por esse nome. Talvez o uso da

palavra “aloman” na minha cidade tenha sido influenciado pelos agudás de Togo, país vizinho do Benin e que faz fronteira com Atiemé, cidade vizinha de Lokossa.



Figura 34 - Mapa de Togo e Benin
 Fonte: Google

Outros exemplos de palavras da língua portuguesa muito usadas nas línguas nacionais beninenses, como fon, gown, kotafon, são “missa” e “cama”, o que mostra que as línguas nacionais são formadas e influenciadas por outras línguas e outros grupos étnicos do país.

3 Conversas e experiências

3.1 Música e dança (samba)

A música esteve constantemente presente na vida das pessoas. Como dizia Friedrich Nietzsche, em sua obra *Crepúsculo dos ídolos*, “a vida sem música é simplesmente um erro, um cansaço, um exílio” (2006). Além dos elementos culturais já mencionados, os retornados levaram ao Benin, a música e o samba.

3.1.1 O que é a música?

A música é definida como a combinação de ritmo, harmonia e melodia, de maneira agradável ao ouvido. No sentido amplo, é a organização temporal de sons e silêncios (pausas). No sentido restrito, é a arte de coordenar e transmitir efeitos sonoros, harmoniosos e esteticamente válidos, podendo ser transmitida pela voz ou por instrumentos musicais. De outra forma, a música é uma manifestação artística e cultural de um povo, em determinada época ou região.

A música, além de arte, é um patrimônio cultural e, assim como toda forma de arte, apresenta diversidade de gêneros. Cada país tem sua cultura e sua identidade cultural e musical. No caso do Brasil, entre os mais populares, podemos citar as categorias: religiosa²⁰, clássica²¹, popular²² e a tradicional ou folclórica²³.

²⁰ A música religiosa ou sacra inclui gêneros musicais associados às práticas religiosas de determinado grupo social. Tipo de música composta para ser tocada ou cantada em cerimônias religiosas.

²¹ É parte integrante da história da música. A expressão “música clássica” passou a ser usada para representar a evolução musical no século XIX, chamado Século de Ouro, dos grandes compositores. O termo “música clássica” refere-se à música de arte, ou seja, todas as obras do período clássico (do século XVIII ao século XIX). Seu repertório é, portanto, muito amplo. Grandes compositores, como Antonio Vivaldi ou Johann Sebastian Bach, marcaram o período barroco, enquanto Mozart e Beethoven são representantes diretos do classicismo (SIGNIFICADOS, 2023).

²² Nascido nos anos 1060 entre os anglo-saxões, os ritmos da música popular são moderados e combinam perfeitamente com a dança. Seus temas favoritos são amor ou relacionamentos românticos. Mais comercial do que o rock, a música pop é ideal para dançar. Britney Spears, Madonna, Michael Jackson são figuras emblemáticas desse registro musical. Diretamente ligado à cultura de massa, o pop se difundiu graças ao desenvolvimento de novas tecnologias (HISTOIRE DE LA POP, 2023).

²³ Música tradicional ou folclórica é aquela que simboliza as tradições e costumes de um povo, passadas de geração a geração, como parte dos seus valores e identidade. A música tradicional representa as crenças e as tradições de determinada região (SIGNIFICADOS, 2023).

O que mais nos interessa é a música tradicional, pois simboliza as tradições e os costumes de determinada região e seu povo. Portanto, cada país, cada região e cada povo possui suas músicas tradicionais que os definem.

No Benin, além das múltiplas músicas tradicionais representadas devido à diversidade cultural, os agudás levaram também a música folclórica brasileira. Embora a maioria da população não compreenda a língua portuguesa, nas comemorações, cantam músicas brasileiras que foram ensinadas primeiramente por seus ascendentes.

Hoje, devido à globalização e à evolução da internet, as culturas são compartilhadas. Mas, antes da evolução das redes sociais, os agudás, apesar de terem perdido a prática do uso da língua portuguesa, conservaram a música mesmo sem compreender as letras. “Eu canto algumas músicas em português. Cantar direito é outro assunto. Risos” conta, Eléonore Vieyra, funcionária da Lotérica Nacional de Benin. Hoje, uma das razões pelas quais voltou a estudar o português é para entender a letra das músicas que tem costume de cantar.

Quando eu pedi para ela cantar uma música brasileira que tem costumes de cantar, ela se envergonhou e disse que cantaria apenas refrão porque não sabe se é o “verdadeiro português”. Cantou refrãos de duas músicas. Confesso que não consegui entender bem o primeiro. Várias tentativas sem sucesso. Mas a segunda me pareceu mais fácil de entender: embora comece em português, a música termina em latim.

Nossa senhora Maria (2x)

Nossa senhora misericórdia

Ave Maris Stella (4x)

Além dos agudás, a globalização²⁴ é um dos fatores que permitiram a circulação e a integração cultural. Hoje, com ajuda das redes sociais, a maioria dos beninenses, independentemente da idade, conhece alguma música brasileira. “Todo dia, querendo ou não, acabo escutando músicas brasileiras nas redes sociais,

²⁴A globalização é um processo contínuo de intensificação e fluidificação das trocas, impulsionado pelo desenvolvimento dos transportes e da mobilidade (populações, empresas, etc.) e acelerado desde a década de 1970 pelos sistemas contemporâneos de comunicação e circulação do mundo (GÉOCONFLUENCES, 20223).

principalmente no Spotify, e mesmo sem entender as letras, acabo gostando muito. A curiosidade me levou a estudar o português, língua que nunca me interessou antes”, afirma Pierre Dossou, jovem beninense e jornalista.

Quem fala de música, na maioria das vezes, fala também de dança²⁵. As duas artes culturais se completam. A dança, além de arte, é uma forma de comunicação, de expressar a identidade. E, para expressar mais ainda sua identidade, os retornados levaram o famoso samba.

3.1.2 *Samba*

O samba²⁶ no Brasil, segundo alguns historiadores, tem uma ligação com as rodas de dança que os africanos escravizados realizavam nos seus poucos momentos livres. Essas rodas de dança, geralmente, eram puxadas por um ritmo musical obtido por meio dos batuques²⁷. Os escravizados se reuniam para praticar dança e capoeira. Esse estilo musical surgiu na Bahia, em meados do século XIX, e foi um dos precursores do samba tradicional (conhecido como samba urbano carioca).

O samba urbano carioca, forma mais tradicional do samba no Brasil, nasceu nos locais onde residiam os ex-escravizados. Segundo os historiadores, o primeiro samba composto no Brasil foi “Pelo Telefone”, canção que surgiu em encontros de sambistas como Donga e Mauro de Almeida no ano de 1916.

O samba começou a conquistar cada vez mais espaço com as escolas de samba. É reconhecido como patrimônio cultural imaterial do Brasil e tem data comemorativa: 2 de dezembro, Dia Nacional do Samba.

O samba, conhecido como patrimônio cultural do Brasil e reconhecido internacionalmente devido aos desfiles de carnaval, também foi levado ao Benin pelos

²⁵ Segundo o dicionário Oxford Languages, a dança é um conjunto organizado de movimentos ritmados do corpo, acompanhados por música.

²⁶ Etimologicamente, o termo “samba” está ligado ao bantu, língua falada pelos escravos de Angola, e significa “umbigo”. Em umbundu, língua angolana, samba significa “estar excitado”, “animado”. O samba viria de ritos ligados ao Candomblé, religião afro-brasileira praticada principalmente na América do Sul. As práticas do samba de roda foram levadas ao Rio de Janeiro no começo do século XX. A abolição do trabalho escravo, anunciada em 1888, possibilitou que milhares de escravizados e seus descendentes conquistassem sua liberdade. A nova condição permitiu que muitos deles se mudassem para a cidade do Rio de Janeiro para trabalhar como empregados domésticos e vendedores ambulantes. (UOL,2023).

²⁷ Batuque é a denominação genérica de algumas danças afro-brasileiras acompanhadas de percussão e, por vezes, de canto (UOL,2023).

retornados. Mas tem uma particularidade. Diferente de outros elementos culturais brasileiros levados ao Benin, o samba continua sendo um ritmo tipicamente agudá. O samba está concentrado apenas nessa comunidade e é ensinado de geração a geração. Eléonore Vieyra aprendeu os passos do samba com seu pai e os ensinou aos seus filhos e netos. “Samba, para mim, é mais que um ritmo musical. Sempre que danço, revivo os momentos em que dançava com meu pai falecido. O samba, de certa forma, me aproxima dele”, relata.

3.2 Relações com outras etnias

Antes de abordar a relação dos agudás com as outras etnias do Benin, é preciso abordar a relação entre os dois grupos de agudás: os de Ouidah e os de Porto Novo, principal objeto desta pesquisa.

3.2.1 Relações entre os agudás de Ouidah e os agudás de Porto Novo

Como foi mencionado no primeiro capítulo, os agudás da cidade de Ouidah, pelo menos a maioria, são descendentes de Francisco Félix de Souza, maior traficante de escravos brasileiro. Quanto aos agudás de Porto Novo, capital do país, são descendentes de escravizados que saíram do Brasil para o Benin após a abolição da escravidão no Brasil.

Por terem sido vendidos pelos primeiros em colaboração com outras etnias, como os Fon e Aizon, os agudás de Porto Novo tendem a manter uma relação de conflitos indiretos com o grupo de Ouidah, embora não admitam essa realidade. Segundo um agudá de Porto Novo, que prefere não ter o nome revelado, numa conversa informal afirmou o seguinte:

– Eu não acho que temos ainda algum ressentimento com os de Ouidah. Tenho uma amiga da família de Souza e nos damos muito bem. Eu nunca participei das suas festas porque ela nunca me convidou.

Quando perguntei o que faria se o convidasse, preferiu não responder.

Na vida social, os dois grupos não têm nenhum conflito mais evidente. Mas, como mencionado no capítulo anterior, nas comemorações de festas relacionadas aos costumes brasileiros, diferentes dos agudás de Porto Novo, os agudás de Ouidah

tendem a festejar apenas entre si, até porque a família de Souza é uma grande família. “Nossa comemoração dura quatro dias. Todos os membros da família de Souza de Benin, Togo, Costa de Marfim, França e outros viajam para participar. Mesmo sendo só para a família, é sempre uma grande festa”, conta, Orphée de Souza, estudante de Relações Internacionais na Universidade Federal de Santa Catarina.

Quanto aos de Porto Novo, as festividades, assim como os costumes culinários, envolvem os membros da cidade, no caso, os habitantes de Porto Novo.

3.2.2 *Relações entre os agudás e outros grupos étnicos*

Ser agudá é ser brasileiro sem o ser efetivamente; é ser beninense e ter também ligações com o Brasil. Em resumo, ser agudá é pertencer a duas comunidades distintas. Os agudás, seja de Ouidah ou de Porto Novo, são um exemplo do que Stuart Hall (2003) chama de multiculturalismo. O multiculturalismo se define como a inter-relação de várias culturas em um mesmo ambiente. É um fenômeno social que pode ser relacionado com a globalização e as sociedades pós-modernas.

Esse fenômeno acaba gerando alguns conflitos ou desentendimentos entre os agudás e outros grupos étnicos. Embora não tenham relação direta com o Brasil, os agudás ainda são considerados brasileiros no Benin. Após o retorno, os descendentes de escravizados não procuraram suas cidades de origem ou etnias. A maioria deles formou a comunidade agudá em Porto Novo.

Há também os casos, no momento da escravidão, dos indivíduos que foram vendidos pela sua própria família ou por facções políticas rivais, o que, por si só, constitui uma forte razão para que o africano de retorno não queira ou não possa se reinstalar na sua aldeia natal. Como explica Kátia de Queiroz Mattoso (1982),

[...] havia o hábito de se desvencilhar das cabeças mais problemáticas da aldeia, daqueles que infringiam as leis da comunidade roubando ou cometendo adultério; eram também vendidas as crianças consideradas como bocas inúteis, difíceis de alimentar em período de crise, ou os endividados, ou ainda os vencidos na guerra e os filhos de mães diferentes da do herdeiro quando da morte do rei pai. (MATTOSO, 1982, p. 30 *apud* GURAN)

O exemplo mais célebre dessa prática é o da mãe do rei Guêzo, vendida por Adandozan (GURAN, 2022).

Por seus ascendentes terem sido vendidos pelos próprios patriotas e até mesmo familiares, os brasileiros do Benin formaram sua própria etnia, mas diferente das outras. As outras etnias, embora tenham conflitos, não têm problema em se relacionar com outras etnias. Já os agudás só se relacionavam entre si.

Segundo Milton Guran no seu trabalho *Agudá: os brasileiros do Benin*, a identidade étnica se constrói a partir da diferença (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1995), ou seja, em relação ao outro. Como enfatiza Manuela Carneiro da Cunha (1985),

[...] o que se ganhou com os estudos sobre a etnicidade foi a noção precisa de que a identidade é construída de maneira situacional e por contraste, ou seja, que ela constitui uma resposta política a uma determinada conjuntura, uma resposta articulada com as outras identidades envolvidas, com as quais forma um sistema. (CUNHA, 1985, p. 206 Apud GURAN)

A construção da identidade baseia-se, portanto, em uma estratégia de valorização das diferenças e, nesse aspecto, como foi possível constatar ao longo deste trabalho, a situação é muito clara: os antigos escravizados retornados consideram os autóctones como selvagens e continuam sendo vistos por estes como escravos que imitam as “maneiras do branco” (GURAN, 2022).

Tomaz Tadeu da Silva, em sua obra *Identidade e diferença* (2014), também afirma que a identidade é marcada pela diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, seja étnica ou nacional, não é o oposto da diferença; a identidade depende da diferença.

Os agudás, após o retorno, independentemente da origem étnica (Fon, Yorubá, Mina ou outras), tinham em comum o fato de terem sido escravizados no Brasil, de falarem português e de terem “maneiras de branco”. Essa identificação leva-os a se identificarem como diferentes dos autóctones.

Mas o fato de serem diferentes não justifica a razão pela qual os membros dessa comunidade não se relacionavam com membros dessa etnia. Em sua obra *Les fantômes du Brésil*, Florent Couao-Zotti, escritor beninense, traz à tona essa questão, ainda que menos perceptível nos dias atuais. O romance conta uma história de amor, ao estilo Romeu e Julieta beninense, entre Pierre Kuassi Kpossou e Anna-Maria Doleres do Mato, dois jovens de dois mundos diferentes, duas famílias que nada as

une, exceto preconceitos sociais raciais. Anna-Maria, agudá que se apaixona por Pierre, jovem nativo fon de Ouidah considerado descendente de comerciante de escravos. Entre as duas comunidades, nenhuma partilha parece possível.

Eléonore Vieyra, de 66 anos, por exemplo, tem mãe e pai agudás e também se casou com um agudá. Ela se identifica “agudá raiz”. Segundo Eléonore, a razão pela qual os membros dessa comunidade não se familiarizam com as outras não é por ressentimento ou por estar em conflito pelo passado, mas pelo fato de os agudás se acharem melhores que os outros. “Antigamente, os agudás não se relacionavam com as outras etnias porque se consideravam superiores a elas, por falarem a língua portuguesa e terem hábitos dos brancos”, afirma.

Já o policial aposentado Auguste Amaral afirma: “Os meus antepassados não se misturavam com as outras comunidades ou etnias pelo fato de quererem preservar a nossa identidade”. Ele também é casado com uma agudá. Mas seus filhos, assim como os filhos de Eléonore, se relacionam com quem bem querem. “Minha filha está casada com um mina. E tenho muito orgulho dela”, disse.

Além desses pequenos conflitos internos ou ressentimentos que não gostam de admitir, os agudás tendem a viver situações constrangedoras de vez em quando. Mas esses tipos de constrangimentos e preconceitos são raros de acontecer. Entre os oito entrevistados, apenas uma pessoa relatou esses fatos. É o caso de El Affisse Adegoke Moreira, engenheiro e empresário. O seu bisavô saiu da Nigéria, país vizinho ao Benin. Após o retorno, o descendente chamado Lawani Moreira se instalou em Porto Novo. Saiu algum tempo depois em direção a cidades como Sèmé Kpodji, Ouidah e Agué, onde construiu casas.

Quando El-Affisse era criança, na escola, os colegas de classe sempre o xingavam pelo fato de ter sobrenome português. “Por eu ter sobrenome estrangeiro, meus colegas de escola zombavam de mim, falavam que eu não pertencia àquele local”, contou. Mas o constrangimento não ficou só nas escolas. Na vida social, na cidade onde mora até hoje, se encontra afastado das decisões ou reuniões relacionadas ao bom funcionamento dos habitantes. “Em Porto Novo, sou muitas vezes afastado por não pertencer à etnia goun ou yorubá, as duas etnias predominantes”.

Apesar desses preconceitos, os agudá, principalmente os da capital, conseguem se socializar, se integrar. A integração acontece não só com os habitantes

de Porto Novo, mas com todos os beninenses em geral. Nas comemorações, por exemplo, a população é convidada a participar. Os seus hábitos culinários são ensinados a toda pessoa que se interessar. Um exemplo palpável disso é a feijoada. A princípio, apenas os agudás faziam, hoje qualquer pessoa no território beninense ou mesmo fora dele consegue fazer. “Sempre tive boas relações com todo mundo. Nunca fui mal recebida em algum lugar por causa do meu grupo étnico ou do meu sobrenome. Afinal de contas, sou beninense, não é?”, concluiu Eléonore com risos.

3.3 Meios de informação e comunicação com o Brasil: a família, redes sociais e outras mídias

Afinal, por quais meios os agudás acessam informações sobre o Brasil e as culturas brasileiras? Mídias, redes sociais, escolas ou famílias?

Para Garcia Canclini (1997), o consumo é o conjunto de processos socioculturais em que se realizam a apropriação e o uso dos produtos. Segundo o autor, todo consumo é cultural, “pois o ato de adquirir qualquer bem é muito mais amplo do que a ação de posse. Independente do que se consuma, o processo inclui distinção simbólica, assim como integra e comunica, objetiva desejos e ritualiza a satisfação” (CANCLINI, 1997, p. 53).

Compreendemos, portanto, os elementos culturais brasileiros levados ao Benin pelos agudás como práticas de consumo cultural, a partir da perspectiva de Nestor Garcia Canclini. Por conseguinte, essas práticas culturais são estabelecidas pela comunidade através das mediações socioculturais do grupo investigado. Ou seja, pelas vivências desses indivíduos.

Por sua vez, as mediações socioculturais são os lugares que estão entre a produção e a recepção. As mediações dizem respeito a toda vivência cultural que o indivíduo adquire ao longo da vida, não apenas por meio da educação formal, mas por meio das experiências adquiridas em seu cotidiano.

Martín-Barbero (1987) sugere três lugares de mediação que interferem e alteram a maneira como os receptores recebem os conteúdos midiáticos. São eles: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural. A cotidianidade é o espaço em que as pessoas se confrontam e mostram como verdadeiramente são, através das relações sociais e da interação dos indivíduos com

as instituições. Já a temporalidade social contrapõe o tempo do cotidiano ao tempo produtivo. Este é o tempo valorizado pelo capital, o que se mede. Aquele é o tempo repetitivo. Por último, a competência cultural “é entendida como resultante do *habitus* de classe e relacionada a questões étnicas e de gênero” (RONSINI, 2007, p. 42).

A seguir, exploro algumas dessas mediações socioculturais.

3.3.1 Família

Segundo o dicionário *on-line* Houaiss, família é:

- 1 núcleo social de pessoas unidas por laços afetivos, que ger. compartilham o mesmo espaço e mantêm entre si uma relação solidária e estável
- 1.1 grupo de pessoas vivendo sob o mesmo teto (esp. pai, mãe e filhos)
- 1.2 grupo de pessoas que têm uma ancestralidade comum ou que provêm de um mesmo tronco
- 1.3 pessoas ligadas entre si pelo casamento e pela filiação ou pela adoção

A família é a unidade social básica dentro da qual normas e valores, crenças e conhecimentos, bem como habilidades úteis na vida cotidiana, são comunicados aos jovens membros da sociedade. A família é a unidade econômica básica que oferece chances de sobrevivência para bebês e crianças. Ainda é a unidade biológica onde ocorre a reprodução e a continuidade biológica (OCHOLLA, 2023).

A família designa entre os povos africanos um círculo de membros muito mais amplo do que o que a palavra significa em seu uso americano-europeu. A família africana é muito maior, é estendida. Nas sociedades africanas tradicionais, a família tem um significado cultural específico na medida em que é o centro, senão o núcleo da comunidade e o “marco” das práticas tradicionais.

Um provérbio africano diz: “A criança não é filha de ninguém, é de todos”. Nesse contexto, ela nunca terá experimentado privação emocional, solidão, rejeição ou abandono, alienação ou crise de identidade. É por isso que, na maioria das famílias africanas tradicionais, não há distinção entre pai e tio ou entre irmãos e primos.

A família, seja ela tradicional ou moderna, é a primeira base da criança, e essa base deve estar firmemente estabelecida. Desde a infância, a criança é ensinada pelos mais velhos de sua família sobre sua etnia, cultura, tradições e a vida em geral.

Mesmo com a modernização, a tradição oral ou oralidade continua sendo uma prática identitária na maioria das famílias africanas, especialmente no Benin.

“Um velho que morre na África é uma biblioteca que queima”. Essas palavras derivam do discurso de Amadou Hampâté-Bâ²⁸, proferido em 1960 perante a assembleia da Unesco. A substância desse provérbio resume seu discurso em favor do desenvolvimento e da concessão de meios para a preservação e a valorização da tradição oral na África. O velho, segundo Amadou Hampâté-Bâ, é aquele que detém a sabedoria. Hampâté-Bâ argumenta que a sabedoria não é apenas uma questão de idade. Na verdade, podemos ter velhos de vinte anos e crianças de sessenta anos.

Todas as etnias do Benin têm sua base na família, principalmente na tradição oral. Eu sou Aizo e tudo que sei sobre minha etnia e sua história me foi contado por meus pais e meus avós através da oralidade. E os agudás não fizeram exceção. Todos os meus entrevistados admitiram que 90% do que sabem sobre o Brasil, a história de seus antepassados ou mesmo sobre sua comunidade foram contados a eles por seus familiares.

“Quando eu era pequena, todas as sextas-feiras, depois do jantar, sentávamos embaixo da árvore que havia em frente da nossa casa e nossos pais ou avós nos contavam histórias de nossas famílias e da nossa comunidade. Hoje, por causa das redes sociais, as crianças não se interessam muito por essas histórias, mas sempre que surge a oportunidade, fazemos, eu e meu esposo, com que elas se sentem e contamos a história de cada uma de nossas famílias, porque querendo ou não, as redes sociais não podem dar-lhes respostas sobre quem são e de onde vieram”, afirma Eléonore Vieyra.

3.3.2 *Televisão*

Além dos membros da família, tanto os agudás quanto a população do Benin aprendemos sobre o Brasil e os brasileiros na televisão, principalmente nas telenovelas. Antes de embarcar ao Brasil, eu enxergava o país através da imagem passada na televisão: São Paulo, Rio de Janeiro, muitas praias e o carnaval, que é também mostrado no telejornal. As telenovelas brasileiras que me lembro de ter

²⁸ Amadou Hampâté Bâ nasceu em 1901, em Bandiagara, Mali, e faleceu a 15 de maio de 1991, em Abidjan, Côte d'Ivoire. Foi escritor e etnólogo maliano, defensor da tradição oral, especialmente dos Fulani.

assistido no Benin são: Roda de Fogo, Caminho das Índias e Cama de Gato, conhecida como *Redemption*. As três da Rede Globo de televisão.

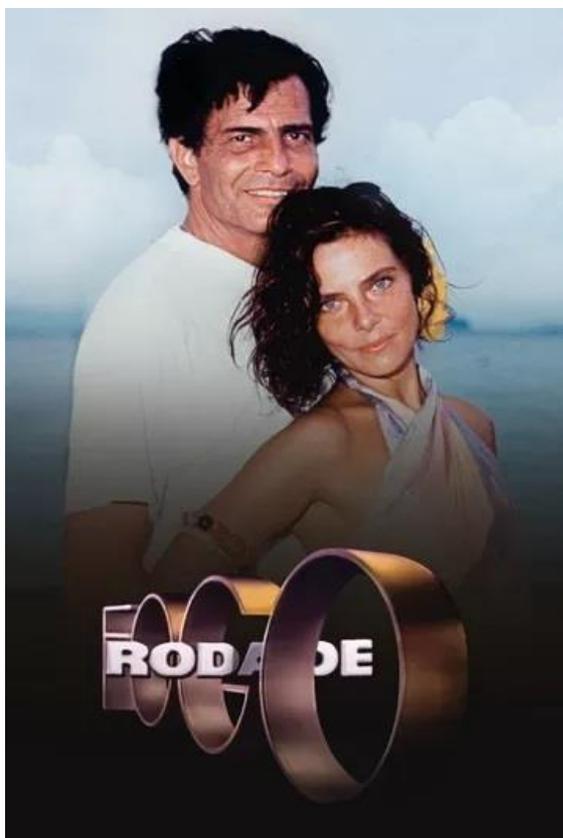


Figura 35 - Novela *Roda de Fogo*
Fonte: Google

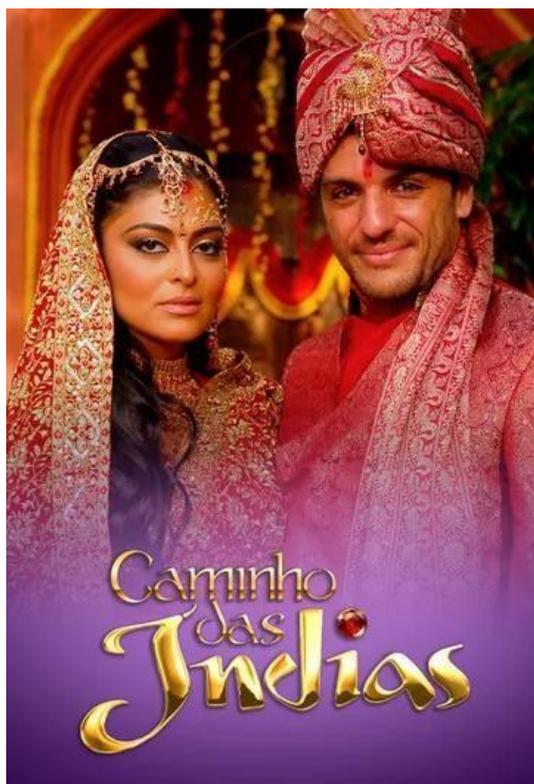


Figura 36 - Novela *Caminho das Índias*
Fonte: Google



Figura 37 - Novela *Cama de Gato (Redemption)*

Fonte: Google

Sempre que falo que moro e estudo no Brasil, a primeira pergunta que os amigos têm costumes de fazer é: você mora no Rio ou em São Paulo? Isso porque, na televisão, a imagem do Brasil que é passada nos dá a sensação de que o Brasil se limita a essas duas cidades. No Benin, para a maioria da população, viajar para o Brasil sem conhecer o Rio de Janeiro (o Cristo Redentor) é como ir para França sem conhecer Paris (a Torre Eiffel).

Segundo Martín-Barbero, o receptor da mensagem vai além de um indivíduo que recebe mensagem, mas um indivíduo capaz de participar do processo de comunicação. Isso é identificado no clássico livro de Martín-Barbero: *De los medios a las mediaciones* (1987). Nesse trabalho, o autor defende que os debates devem se concentrar passando dos meios para as mediações.

Ainda de acordo com Martín-Barbero (1997), o processo da recepção é mediado “por práticas rotineiras que estão inseridas dentro de um contexto social e cultural do sujeito que recebe a mensagem. Essas práticas estão constantemente presentes nas interpretações que os receptores fazem de um conteúdo midiático” (apud RIBEIRO; TUZZO, 2013, p3.).

Exemplificando, a maneira como um cidadão do Benin de outra etnia interpreta as telenovelas brasileiras ou as reportagens sobre o Brasil é diferente da interpretação de um agudá. Sempre que me perguntam por que eu decidi vir estudar no Brasil, pois, pela história do Benin, seria mais fácil ir para a França, respondo que escolhi o Brasil por causa da imagem que é passada sobre o país.

Por outro lado, quando pergunto para um agudá se gostaria de conhecer o Brasil e por que, as respostas são surpreendentes. Se a imagem passada pelas telenovelas brasileiras facilitou minha escolha, dificultou a da Eléonore: “Eu nunca achei graça nessas telenovelas, sabe? Eu não sou uma fanática, mas você já percebeu que as pessoas como nós sempre têm papéis subalternos? São domésticos, jardineiros ou mesmo ladrões? Isso sempre me deixou triste. Por isso que não gosto de assistir”, afirmou indignada. Eléonore, por exemplo, depois de conhecer o Brasil, gostaria de aprender a língua portuguesa, voltar e procurar os membros da sua família que ficaram em Salvador.

3.3.3 Redes sociais

Desde a década de 1990, com a popularização da internet, a conexão entre as pessoas sofre transformações expressivas e, com o aprimoramento dessa tecnologia da informação, surgem as redes sociais. As redes sociais designam todos os serviços que permitem o desenvolvimento de conversas e interações sociais na internet. As redes sociais permitem o estabelecimento de diálogos e desenvolvimento de interações sociais. As mídias sociais possibilitam a comunicação entre comunidades, independentemente do tempo e do espaço. Atualmente, as principais redes sociais são Facebook, Instagram, YouTube, WhatsApp, Twitter e TikTok.



Figura 38 - Ilustração de redes sociais
Fonte: Google

Devido à globalização e perante um espaço cada vez mais internacional e mais expansivo, todas as operações comerciais e gerenciais, além das relações interculturais, só aumentam com digitalização e amplificação de ferramentas cada vez mais avançadas tecnologicamente. A comunicação nunca foi tão acessível como hoje. Podemos dizer, sobretudo no caso dos agudás, que um dos efeitos dos avanços das redes sociais seria favorecer a interculturalidade.

Em primeiro lugar, a interculturalidade, segundo o dicionário Robert *on-line*, é vista como “interação, troca e comunicação entre culturas diferentes”. O fato de abrir-se ao mundo, aprender sobre várias culturas através da mídia, trocando e entrando em contato com outras pessoas, pode resultar numa experiência satisfatória, permitindo ter uma visão mais ampla do mundo e facilitando a cooperação e a coesão social.

Quanto aos agudás, enquanto uns aprendem sobre o Brasil com a família e ou com a televisão, outros, principalmente o público mais jovem, preferem, além do conhecimento passado de geração a geração, aprender mais sobre a cultura brasileira nas redes sociais.

Alfonso da Silva, futuro estudante de Letras e membro da comunidade agudá, se familiarizava com os brasileiros no Facebook no intuito de aprender mais sobre a cultura. “Eu sempre achei a cultura brasileira muito interessante. No ano passado, fiz algumas amizades no Facebook para aprender a língua portuguesa e mais sobre o carnaval e o samba”, contou.

Além dele, o jovem Orphée de Souza, estudante de relações internacionais da UFSC, também costumava usar as redes sociais para procurar imagens do Brasil e também socializar com todo indivíduo que possui o sobrenome Souza. “Eu não sei porque, mas sempre que encontro uma pessoa com o mesmo sobrenome que o meu, logo penso que é membro da minha família”, alegou.

Além dos agudás, muitos jovens beninenses utilizam, nos dias atuais, redes sociais como Facebook, YouTube e TikTok para praticar danças e músicas. Pierre Dossou, beninense e jornalista, é um fanático das músicas brasileiras, embora não compreenda a língua.

Na comunidade agudá, assim como em todas as outras etnias, enquanto os jovens são mais abertos e mais presentes nas redes sociais em busca de mais conhecimento, os mais velhos preferem se limitar à história contada por seus entes queridos para a preservação de sua cultura e de sua identidade.

Considerações finais

O objetivo desta pesquisa foi elucidar de que forma os agudás, grupo conhecido como brasileiros do Benin, constroem, no contexto da cidade de Porto Novo, capital do Benin, país do oeste da África, relações e comunicações com o Brasil por meios acessados cotidianamente, a exemplo de redes sociais, família, comunidade, igreja e escola. Mostramos, portanto, como a presença brasileira é construída em instituições, práticas e espaços da cidade.

O primeiro passo do trabalho intitulado Brasileiros do Benin aborda a história dos agudás, começando por uma breve história do Benin. Em seguida, passamos à história da cidade de Porto Novo, da Rota dos Escravos e, por fim, discutimos elementos culturais brasileiros presentes nessa comunidade. Nesse primeiro momento, fizemos uma breve abordagem da história da escravidão e suas manifestações, principalmente no Benin, sem esquecer a história dos agudás, principal objeto deste trabalho.

No capítulo intitulado Brasil e Benin: Novos Vínculos, a discussão gira em torno da culinária, da linguagem e do carnaval. Nesse capítulo, são mencionados os pratos típicos brasileiros introduzidos pelos agudás no Benin e seus modos locais de preparo, o uso da língua portuguesa pelos agudás e o desfile de carnaval na cidade de Porto Novo. Numa primeira seção deste capítulo, descrevemos a preparação da feijoada dos agudás, conhecida como *fechoada*, e a comparamos com a feijoada brasileira. Na segunda seção, tratamos da diferença entre o carnaval dos agudás de Porto Novo e os de Ouidah. A festividade dos agudás de Porto Novo, além de ser uma festa tipicamente desse grupo social, é aberta à população, enquanto a dos agudás de Ouidah é fechada. Concluimos que, apesar de não viver mais no Brasil, os agudás conseguiram manter e passar para futuras gerações costumes brasileiros. Além disso, apesar dos conflitos internos, os agudás, principalmente, os de Porto Novo, objeto desta pesquisa, conseguiram se adaptar ao seu antigo novo mundo-com o resto da população.

Além disso, trouxemos para a discussão, na última seção do capítulo, que a língua portuguesa, embora pareça não falada no Benin, exerce influência nas línguas e nos dialetos do país, como fon, mina e cotafon, por meio do emprego cotidiano de palavras portuguesas como missa, alumã, cama, chave etc. Assim, podemos afirmar

que os agudás também exerceram uma grande influência sobre diferentes etnias beninenses através da língua.

Por fim, no terceiro e último capítulo, intitulado Conversas e Experiências, discutimos, a partir do diálogo com os interlocutores, práticas culturais brasileiras introduzidas pelos agudás, como músicas e danças. Também verificamos a existência de conflitos internos e externos entre a comunidade agudá de Porto Novo e a de Ouidah e entre a comunidade e as outras etnias do país. Chegamos à conclusão de que, embora não se queira admitir, pode haver uma rivalidade interna entre os agudás de Ouidah e os da capital. Mesmo assim, os da capital conseguiram integrar-se perfeitamente no seu mundo. Por fim, tentamos entender a maneira como os agudás acessam informações e representações sobre o que é ser brasileiro. Sem sombra de dúvida, embora a internet permita acessar informações de forma mais rápida hoje em dia, os meios mais acessíveis continuam sendo a família e a televisão.

Em conclusão, com este trabalho tentamos definir e diferenciar a etnicidade da comunidade agudá, compreender os elementos culturais brasileiros que fazem suas particularidades em face de outras etnias do Benin e, por fim, os meios pelos quais acessam informações sobre o Brasil e os brasileiros para manter seus hábitos culturais. Os objetivos deste trabalho foram atingidos e as hipóteses, na sua maioria, foram confirmadas.

Os principais objetivos consistiram em:

- Mapear os elementos culturais que remetem ao Brasil e que ainda hoje fazem parte do cotidiano dos "brasileiros do Benin";
- Identificar as narrativas orais acerca da tradição passadas de uma geração a outra entre os agudás do grupo investigado;
- Mapear os meios pelos quais o grupo de agudás pesquisado recebe informações acerca do Brasil e do povo brasileiro, a exemplo das mídias tradicionais, das redes sociais, da escola, da comunidade, da família e da igreja;
- Observar as interações entre os agudás e os demais beninenses.

Como podemos perceber, os principais objetivos foram atingidos. O mapeamento dos elementos culturais brasileiros, assim como o mapeamento dos meios de informação utilizados para passar informações sobre o Brasil, foi fundamental para a construção desta pesquisa. Também foi verificada, mesmo que não muito detalhada, a interação entre agudás e demais beninenses de Porto Novo.

Em nossa hipótese inicial, aventávamos que, pelo fato de os agudás serem descendentes de ex-escravos e de a maioria deles se limitar a apenas duas cidades do Benin (Ouidah e Porto Novo), e por eles perpetuarem, até hoje, sobrenomes portugueses, tornava-se possível passar às novas gerações conhecimentos e imaginários sobre Brasil e sobre o que é ser brasileiro por meio da tradição oral. Além disso, pensávamos que esse grupo também receberia informações como essas das mídias, por meio de telenovelas e, também, por páginas *on-line* e pelas redes sociais. Por se concentrarem apenas em duas cidades beninenses (Ouidah e Porto Novo), poderia haver ali projetos que discutissem a história dos agudás, assim como sobre ser brasileiro. Essas discussões poderiam também estar presentes nas escolas dessas cidades.

A hipótese inicial foi confirmada em grande parte. O meio mais utilizado para passar informações de geração em geração é a tradição oral. Exemplo de projetos sobre os agudás são a Rota dos Escravos e o museu Da Silva. Os agudás ainda são pouco discutidos nas escolas beninenses.

Embora tenha sido possível atingir os principais objetivos do trabalho, a mudança de metodologia proposta no projeto de pesquisa, devido à pandemia da Covid-19, que tornou a pesquisa documental, com recurso à etnografia, dificultou a produção e afetou o resultado da pesquisa. Apesar de não ter sido possível realizar a etnografia, conforme proposto no projeto de pesquisa, foram feitas entrevistas *on-line* e face a face, recurso muito próximo à observação participante, procedimento da pesquisa etnográfica. Tentamos fazer das entrevistas uma atividade dialógica e experimentar alguma coisa do que se passa entre os descendentes dos agudás, mesmo de longe. Um exemplo disso foi a atividade de aprender a fazer feijoadá à moda dos agudás e à moda brasileira.

Essa aproximação foi interessante e reforça planos futuros de fazer uma pesquisa etnográfica no Benin sobre os agudás, o que permitirá obter mais informações sobre as impressões visuais dos membros dessas comunidades e das cidades citadas ao longo do trabalho. Além disso, com a etnografia, com entrevistas face a face, os interlocutores terão mais facilidade para responder às perguntas. Por termos tido chance de realizar uma entrevista face a face, percebemos a diferença entre esta e as realizadas *on-line*. Por estas e outras questões que apareceram, como a rivalidade entre os dois grupos, embora ainda sutil, a realização de uma pesquisa

propriamente etnográfica poderá ser uma forma de expandir o trabalho futuramente. Prevejo, assim, a princípio, o aprofundamento do tema da rivalidade entre os agudás e o estudo de mais palavras da língua portuguesa incorporadas pelos agudás e de mais elementos da alimentação que constituam vínculos com o Brasil (como a pamonha, por exemplo) – além de novos problemas que possam surgir do trabalho já realizado na dissertação.

Referências

AFRIQUE RENOUVEAU. **Au-delà de l’Afrique**: l’épopée yoruba, 2019. Disponível em: <https://www.un.org/africarenewal/fr/magazine/d%C3%A9cembre-2019-mars-2020/au-del%C3%A0-de-l%E2%80%99afrique-l%E2%80%99%C3%A9pop%C3%A9e-yoruba#>: Acesso em: 24 mar. 2023.

ARTISTE AUDIO. **Histoire de la pop musique**. Disponível em: <https://artisteaudio.fr/histoire-de-la-pop-musique/>. Acesso em: 5 jan. 2013.

ATHAYDE, João de. **Bourian ou la danse des maîtres**. Circulations et enjeux identitaires des Agudás, les Brésiliens du Bénin. Marseille, 2018.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BENIN Population 2022 (Live). Disponível em: <https://worldpopulationreview.com/countries/benin-population>. Acesso em: 28 mar. 2022.

BRASIL ESCOLA. **História do carnaval no Brasil**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/carnaval/historia-do-carnaval-no-brasil.htm>. Acesso em: 14 set. 2022.

BRASIL ESCOLA. **O Senhor Bonfim**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/senhor-bonfim.htm>. Acesso em: 28 set. 2022.

CALENDARR BRASIL. **Dia de São Cosme e Damião**. Disponível em: <https://www.calendarr.com/brasil/dia-de-cosme-e-damiao/#:~:text=S%C3%A3o%20Cosme%20e%20Dami%C3%A3o%20eram,%2C%20xamb%C3%A1%20umbanda%20e%20batuque>. Acesso em: 2 jun. 2022.

CANCLINI, Garcia. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação**: economia, sociedade e cultura - O poder da identidade. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

CASTILLO, Lisa Louise Earl. Em busca dos agudás da Bahia: trajetórias individuais e mudanças demográficas no século XIX. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 55, p. 111-147, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/25487/15607>. Acesso em: 1º out. 2022.

CHÂTEAU Musée Vodou Strasbourg. Disponível em: <https://www.chateau-vodou.com/le-vodou/>. Acesso em: 5 maio 2022.

COUAO-ZOTTI, Florent. **Les fantômes du Brésil**. Cotonou: Laha Edition, 2006.

DELEUZE, Gilles. **O Abecedário de Gilles Deleuze**. Entrevistas com Claire Parnet, 1988/1989. Disponível em: <http://www.bibliotecanomade.com/2008/03/arquivo-para-download-o-abecedario-de.html>. Acesso em: 1º set. 2022.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2015.

EL-KAREH, Almir Chaiben; BRUIT, Héctor Hernán. Cozinhar e comer, em casa e na rua: culinária e gastronomia na Corte do Império do Brasil. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 33, p. 76-96, janeiro-junho de 2004. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2213/1352>. Acesso em: 1º out. 2022.

GAULON, Julia. **Le Liberia: Un État pour les esclaves noirs affranchis**. Le Nouvel Afrik, 2012. Disponível em: <https://www.afrik.com/le-liberia-un-etat-pour-les-esclaves-noirs-affranchis>. Acesso em: 4 dez. 2021.

GEOCONFLUENCES, ressources de géographie pour les enseignants. Disponível em: <http://geoconfluences.ens-lyon.fr/glossaire/mondialisation>. Acesso em: 5 jan. 2023.

GOUSSANOU, Rossila. **La “Route de l'esclave” de Ouidah (Bénin): espace de négociation des mémoires collectives des traites négrières et de l'esclavage**. 2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/326342275_La_Route_de_l'esclave_de_Ouidah_Benin_espace_de_negociation_des_memoires_collectives_des_traites_negrieres_et_de_l'esclavage. Acesso em: 20 mar. 2022.

GURÁN, Milton. **Acervo Agudá**. s.d. Disponível em: <http://acervoaguda.com.br/fr>. Acesso em: 8 abr. 2022.

GURÁN, Milton. **Agudás: os brasileiros de Benin**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

GURÁN, Milton. Bricolagem da memória: fontes orais e visuais na construção da identidade agudá. **História Oral**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 125-150, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/276/307>. Acesso em: 1º out. 2022.

GURÁN, Milton. De fidalgo à agudá: A saga da família De Medeiros do Benin. **Locus**, Juiz de Fora, v. 18, n. 2, p. 59-86, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20609/11024>. Acesso em: 1º out. 2022.

HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn; SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. 14. ed. São Paulo: Editora Vozes, 2014.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HISTOIRE DU BENIN: LES AMAZONES. Disponível em: <https://visiter-le-benin.com/histoire-du-benin-les-amazones/>. Acesso em: 25 set. 2022.

IFÈMI, les langues nationales. Disponível em: <https://ifemi.org/les-langues-nationales-un-atout-pour-lalphabetisation-et-leducation-au-benin/>. Acesso em: 3 dez. 2022.

JAGUARIFE. **Festa da Burrinha**. Disponível em: <http://www.jaguaripe.tur.br/janeiro/>. Acesso em: 2 jun. 2022.

LA FAMILLE africaine: entre tradition et modernité. Disponível em: <https://www.cairn.info/la-famille-africaine--9782865379422-page-85.htm#:~:text=La%20famille%20traditionnelle%20en%20Afrique&text=Traditionnellement%2C%20la%20famille%20comprend%20les,1970%20%3B%20Obunga%2C%201988>. Acesso em: 6 jan. 2013.

LE BÉNIN. **Histoire**. Disponível em: <https://www.benin.ca/benin/histoire/>. Acesso em: 10 set. 2022.

LEITE, Ana Karina N. **A visão de um estrangeiro sobre os Agudás: os brasileiros no Golfo do Benin sob a perspectiva de Pierre Verger**. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Centro Universitário de Brasília, Brasília/DF, 2006.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 7. ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2013.

MONCAYO, Nallely Moreno. La ciudad de Ouidah em Benin, Africa: herencia brasileña y pasado colonial. **Fotocronografias**, Porto Alegre, v. 7, n. 18, p. 136-156, 2021. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/fotocronografias/article/view/126279/85741>. Acesso em: 1º out. 2022.

MONOU, Josiane. **O papel do Museu Casa do Benin na construção de uma narrativa sobre os agudás**. Belo Horizonte, 2018.

NASCIMENTO, Abdias do. **Toth I - Pensamento dos Povos Africanos e Afrodescendentes**. Brasília: Secretaria Especial de Editoração e Publicações, 1997.

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7 a 28, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 1º out. 2022.

ORIGEM do carnaval. Disponível em: <https://biblio.direito.ufmg.br/?p=4474#:~:text=O%20Carnaval%20foi%20trazido%20para,antes%20do%20in%C3%ADcio%20da%20Quaresma>. Acesso em: 3 dez. 2022.

PARAISO, Jean Yves. **Les Agoudas du Dahomey/Bénin**. Mémoire vivante de la traite transatlantique. *In*: Imaginaire racial et projections identitaires - Les Agoudas du Dahomey/Bénin - Presses universitaires de Perpignan.

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

RETORNADOS - Origens. Produção Conexões Praga - Alessandra Castañeda e Maria Pereira. Coprodução Jurubeba. Roteiro: Simplício Neto. Produção original para o canal Curta - Conteúdos Relevantes. 27'56". s. d. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PpTqRgINJpo>. Acesso em: 20 fev. 2022.

RIBEIRO, Luiza Carla e TUZZO, Simone Antoniaci. Jesus Martín Barbero e seus estudos de mediação na telenovela, 2013.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos; GUINDANI, Joel Felipe. **Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas**. Rio Grande do Sul, 2009.

SANTIAGO, Emerson. Agudás, tabons e retornados da África para o Brasil. **InfoEscola – Navegando e Aprendendo**. s. d. Disponível em: <https://www.infoescola.com/sociologia/agudas-tabons-e-retornados-da-africa-para-o-brasil/>. Acesso em: 14 maio 2022.

SANTOS, Raimundo Cerqueira. Africanos no Brasil, brasileiros na África: A trajetória dos africanos que voltaram à África. *In*: X ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA – ANPUH, BAHIA, 2020, Vitória da Conquista. **Anais** [...]. Vitória da Conquista: Universidade do Estado da Bahia, 2020. Disponível em: https://www.encontro2020.bahia.anpuh.org/resources/anais/19/anpuh-ba-eeh2020/1603420748_ARQUIVO_203a72f5eb28bb8c2797dc853757c75b.pdf. Acesso em: 1º julho. 2022.

SCHMITZ, Daniela. Consumo, sentidos, usos e apropriações nas pesquisas de recepção: nem tão sinônimos, nem tão distantes. **Intertexto**, Porto Alegre, n. 34, p.255-275, set./dez. 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/58546/35499>. Acesso em: 25 nov. 2021.

SIGNIFICADOS. O que é música? Disponível em: <https://www.significados.com.br/musica/>. Acesso em: 5 jan. 2023.

SILVA, Carlos Jr. da. Interações Atlânticas entre Salvador e Porto Novo (Costa da Mina) no século XVIII. **Rev. Hist.**, São Paulo, n. 176, a02716, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2017.113621>. Acesso em: 29 abr. 2022.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**. São Paulo, 2014.

SINOUE, Alain; OLOUDÉ, Bachir. **Porto Novo: Ville d'Afrique noire**. Marseille: Parenthese, 1988.

THE WORLD BANK, 2022. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/SP.POP.TOTL?locations=BJ>. Acesso em: 14 set. 2022.

TOUGBO, Koffi. **L'élément portugais dans les univers linguistique et onomastique du Golfe de Guinée**: étude de cas. Paris, 2010.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2015.

UOL. **Origem do carnaval**. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/carnaval/a-pratica-carnavalesca-entrudo.htm>. Acesso em: 3 dez. 2022.

UOL. **Samba**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/cultura/samba.htm>. Acesso em: 6 jan. 2023.

VERGER, Pierre. **Fluxo e refluxo**: Do tráfico de escravos entre o Golfo de Benim e a Bahia de Todos-os-Santos do século XVII ao XIX. São Paulo: Editora Schwarcz, 2021.

WINKIN, Yves. **A nova comunicação**: da teoria ao trabalho de campo. Campinas: Papyrus Editora, 1998.